

# **Ladeiras do Inferno**

**[Parte I]**

Ela sai à rua ainda com roupa de noite. Tem as mãos enterradas à cabeça e corre como uma doida pelos becos. Está um escuro de breu mas ela conhece os caminhos do Gueto como a palma da mão. O grito de desespero desta mãe acorda toda a vizinhança que se levanta e segue o brado. O recado do menino que lhe foi bater à porta trouxe-lhe a notícia que nenhuma mãe deseja ouvir. Desde que o filho seguiu por este caminho que ela não consegue pregar o olho enquanto não escutar a porta abrindo e ver aquela sombra negra passando. Todas as madrugadas, quando o filho Samuel chegava em casa, fingia estar a dormir, mas há muito que não sabia o que era isso. Mãe é assim mesmo. Ela ficava ali em cima daquela cama rolando de um lado para o outro, impaciente e sempre com o credo na boca. Já não sabia mais o que fazer, esgotou todos os conselhos e passou a fazer de tudo para não lhe falar dos perigos deste seu estilo de vida, tudo para evitar brigas e discussões. Perdeu a esperança naquela madrugada em que Samuel chegou tão nervoso e descontrolado que até lhe apontou a arma. Porém, esta última madrugada, estava mais tensa do que o costume, é que as horas a que ele costuma chegar passaram há muito. Quando escutou a troca de tiros de *boka bedju* ficou ainda mais apreensiva, mas continuou estirada de costas, com os olhos fixos no teto, pedindo a Deus para defender o seu menino de qualquer mal. Todavia, quando escutou alguém a bater-lhe à porta, saltou da cama aos gritos.

Um teto no gueto. Um tiro no escuro. Uma bala que cala o grito seco sem eco de uma vida perdida na calada da madrugada. Desamparada, desconsolada, desalmada e desesperada, Nativa deita-o no regaço e num abraço que parece eterno, aqui neste inferno, nesta terra proibida em gesto de despedida, mais uma mãe chora, e nesta hora as lágrimas jorram sem dia de parar deste pobre olhar perturbado e revoltado! Mais um que cai sem dizer um ai. Mais uma vítima sem defesa legítima diante da violência, desta delinquência que propaga como praga pelas aldeias destruindo famílias. Dentro de mim mora uma revolta que parece sem fim, diante deste cenário de terror que me causa arrepio e se aparenta sem volta. No meu âmago carrego algo que não se quer calar, que não para de bradar. Até quando? Até quando somos obrigados a continuar assistindo a criaturas caindo por terra? Baixas de uma guerra que traz muita dor e nunca terá um vencedor, apenas vencidos e esquecidos! Será que a culpa é desta pobre mãe? Peço desculpas! Verdade seja dita! Haja covardia!

Tal como a vizinhança, Joice e Graça, as duas inseparáveis primas já estão no local do crime. Joice é filha de Nativa, irmã de Samuel. Ao ver o corpo do irmão todo ensanguentado estirado nos braços da mãe, corpo este que está cheio de estilhaços de uma bala artesanal que saiu da boca de uma pistola também ela artesanal, com um pranto preso na garganta, abraça a prima Graça e o choro precipita:

*Graça! Lembras do sonho dele? Claro que lembras prima! Como não podias lembrar! O Gueto inteiro lembra! Sonho que ele sonhou aqui nesta terra que agora o recebe neste abraço longo e eterno! Nunca sonhou com esta vida maldita e nem com este triste fim! Lembras que ele sonhava ser um grande jogador de futebol? Sempre com a bola debaixo do braço e com as velhas e gastas sapatilhas dependuradas nas mãos. Meu irmão era um génio de bola, tecnicamente muito bom, fintava, driblava e a cada golo gritava com alegria. Um menino alegre, vivo, magro, mas ágil e com garra. Tinha faro de golo, tinha jeito e um pé esquerdo fenomenal. Jogava sempre sem camisa, apenas com calções brindava-nos com a sua magia. Não usava camisola para dificultar os adversários quando os fintasse. Com o corpo cheio de suor, ficava impossível agarrá-lo e fazer falta. Nascer aqui foi o único e grande azar de meu irmão Samuel. Se tivesse nascido noutra lugar, certamente que neste momento estava a brilhar em grandes palcos, junto com Messi, Neymar, CR7, e não neste estado que se encontra agora. Morreu sem realizar o sonho, sem ter as condições para nos tirar deste inferno. Só uma questão meu Deus e responde-me com toda a franqueza e sinceridade. Porque deu-lhe o dom de fintar e não lhe mostrou como fintar este destino cruel? A resposta é que a vida não é tão simples como driblar uma bola? Mas, como assim, se ele nunca sonhou em ser delinquente, era um menino manso e educado, não maltratava ninguém, aliás, maltratava sim, os adversários na placa do polivalente. Ai Graça! É tanta dor, uma angústia grande assistir a esta cena. Porque ele não me ouviu, não escutou os meus conselhos, cansei de lhe falar para deixar o rancor de lado e esquecer aquela sede de vingança. Mas nunca conseguiu superar os abusos daqueles malditos que naquela madrugada espalharam terror no nosso Gueto, derrubaram-nos a porta, entraram na nossa casa e espancaram-nos. Era ainda um adolescente, mas prometeu vingar a nossa dor. Foi ali que decidiu encostar a bola, pendurar as sapatilhas. Trocou-as por uma arma e ao invés de uma equipa de futebol, formou um grupo de delinquentes. Mas Graça, eu juro que vou dar um jeito de sair deste lugar o quanto antes. Vou enterrar o meu irmão e logo a seguir começar a dar os meus expedientes para mudar de vez de vida.*

Assim é o dia-a-dia, o quotidiano no Gueto. Bairro construído no sopé de uma ladeira de terra. Aqui não há hipóteses alguma de se descortinar qualquer tipo de harmonia na forma como as casas foram, e continuam a ser construídas. A desordem é tão gritante, os traços arquitetónicos tão estranhos, mas cada um com a sua originalidade. Todavia, tudo parece ter a mesma identidade, pois há evidências claras de que a cor cinzenta é requisito obrigatório para se fazer parte desta comunidade! As casas fecham-se em becos estreitos, a sensação que fica é que as pessoas não querem expor a pobreza e a privação que mora aqui. A pobreza está impregnada em tudo que compõe este lugar. As paredes que já são cinzentas vão ganhando tonalidades mais indecentes, pinceladas de uma vida de muita miséria. Aqui há falta de quase tudo e mais alguma coisa, as únicas que escasseiam por estas bandas são a pobreza e a violência.

\*\*\*

Pondo o que mais abunda de lado, é fascinante e motivante a cada amanhecer ver a alegria contagiante no rosto das crianças. Nada lhes rouba a alegria, nem mesmo a morte. Apesar de estarem famintas, correm pelos becos com gozo e em tom de traquinices. Com os corpos nus e pés descalços correm atrás de uma bola que rola pelas ruas lamacentas. A imagem delas é característica de filhos da pobreza, corpinhos franzinos, canelas secas cheias de feridas curadas com terra, pernas de catarro **escorrendo pelo** nariz e que vão sendo chupadas com a língua. Um correm arcos fabricados com rebordos de bidões, outras com paus de vassouras correm pneus velhos, ou com os carros de latas, de arames ou os mais sofisticados de madeira feitos artesanalmente com mestria pelas próprias mãos que estão cheias de cortes e pancadas percorrem o bairro por inteiro, fingindo terem chegado a outros lugares mais distantes.

Todas brincam, exceto Gasolina que já é adolescente e não se cansa de contemplar com um olhar carregado de alegria, simplesmente mágico e fascinado, o *toyota hilux* que está à porta da mercearia de Nha Maninha. Encantado, chega mesmo a acariciar o automóvel, vê-se que está apaixonado pela máquina. Com a sua camisa vai limpando a mais insignificante mancha ou poeira que consegue vislumbrar. Este menino na realidade pode até ser pobre, mas em sonhos certamente que é rico. Enquanto ele sonha, as outras crianças continuam com os pés bem fincados à terra. O sorriso puro e inocente que se desenha nos rostos magros e chupados, sobressaem e ressaltam diante de tamanha pobreza, dissimulando-a por algum instante! As meninas estão entretidas e

bastante divertidas, umas jogam ringue, outras jogam malha. São irrequietas, não conseguem estar paradas pelo que têm de inventar qualquer jogo, brincadeira ou traquinice!

Encostado à parede de sua casa, Benito tem as mãos segurando a barbela e está com um olhar suspenso, como se estivesse a tentar empurrar o sol para lugares mais distantes. Um ser bastante divertido e brincalhão, muito educado e portador de um trato fino. Contudo, hoje está triste, com ar desgostoso e um grande aperto no coração. Os olhos que lhe são característicos pelo fulgor, hoje estão avermelhados e inchados, com os cantos brotando lágrimas. Está mergulhado num grande desconsolo, num estado de pesar profundo. Lamenta a dor da mãe que acabara de perder seu filho e lembra de quantas foram as vezes que deu **conselhos** ao menino Samuel, mas este não o escutou e seguiu um caminho bastante perigoso. Homem alto, corpo pesado, pois parece estar constantemente a empurrar o mundo com a sua grande barriga. O umbigo dele é no mínimo esquisito, certamente que sofre de alguma enfermidade, nada que lhe tire a paz e o largo sorriso que lhe é típico, exceto hoje. Traz sempre uma camisa amarrada em cima do seu umbigo, pois não é possível abotoar os botões mais abaixo, e umas calças de pernas compridas. O lugar onde ele mora, e nem sei se devo chamar-lhe de casa, fica mesmo no centro do Gueto. Não tem portas nem janelas. A construção foi de tal forma mal feita que as varandas cederam e ficaram dependuradas, como cortinas que procuram esconder em parte as imundícies que moram por dentro. No interior, vários compartimentos, todos disfarçados por uma escuridão obscena, pois não há luz elétrica e a construção não permite a entrada de luz natural. O chão é de terra, paredes tingidas pelo fumo e o cheiro é insuportável. Um quarto de dormir que não tem cama, uma cozinha sem fogão e uma casa de banho sem nada.

Um pouco mais distante, Nha Ana mulher mansa e muito dócil está sentada no seu mocho que encostado no mesmo lugar de sempre. Mulher de pequena estatura, pele pálida, cheia de rugas, curvaturas de uma longa vida. Todas as pessoas gostam dela, é muito querida e acarinhada. Tem uma voz suave e agradável! Mas hoje aparenta uma carinha desgostosa e bastante inconformada. Está agoniada com a triste notícia. Ela viu o menino Samuel nascer, testemunhou os seus primeiros passos, sorriu tantas vezes com as suas brincadeiras e ralhou vezes sem conta com as suas traquinices! Só resta lembranças de mais um filho de parida que se cala para sempre!

Encostada no seu canto e fechada em sim mesma, totalmente encapsulada, de cócoras, colada à porta da casa da filha está Nha Tanha.

Uma mulher magra pele e osso, com os fiapos de cabelos brancos na cabeça e com dois cavacos de dentes na boca. Não toma banho, pelo que cheira bastante mal. Quando não está na posição em que se encontra agora, anda em contendas com uma criatura qualquer! Cuspidelas e pedras são as armas dela, é franzina mas não tem medo de quem quer que seja! Está assim, mas nada tem a ver com a morte do rapaz, pois vive num outro mundo, distante e completamente diferente. Dizem que ficou assim após o fatídico dia em que um incêndio matou as duas netas! A filha foi a uma festa e deixou-as ao seu cuidado, mas a vela que deixou acesa caiu em cima do colchão de espuma causando uma grande desgraça.

Estou sentado à frente de minha casa e na mão tenho um livro, mas até agora não tive a oportunidade sequer de o folhar, quanto mais ler uma única página. Esse outro livro que teima em se abrir à minha frente e que narra histórias tristes e dramáticas continua a prender a minha atenção. Sem me aperceber já estou com os ouvidos em pé escutando uma cavaqueira interessante entre Fósforo e Gasolina:

- Tu és mesmo burro! Nunca saíste da primeira classe! Já estás com catorze anos e tens sete anos repetentes na primeira e o cenário não é tão animador, bem me parece que nunca mais vais sair dali!

- E tu achas que és mais esperto e inteligente do que eu?

- Claro que tenho mais cabeça para a escola do que tu, Gasolina!

- Só podes estar a brincar com a minha cara!

- Nem por isso! É óbvio que sou mais inteligente! Ao contrário de ti, eu estou na segunda classe!

- E há quantos anos estás ali?

- Há seis!

- Pois podes ficar descansado que dali não vais sair e a qualquer momento posso apanhar-te!

- Não me faças rir!

Fósforo é um menino magro, tem pele clara e o cabelo ruivo. É exatamente igual a um pau de fósforo! Gasolina também é magro, como a maioria das crianças do Gueto. Preto liso, chega mesmo a brilhar ao Sol. Os dois andam sempre juntos, raramente vê-se um sem o outro. Quem aparece sempre quando os dois estão juntos é o Fogo! Esta criatura é esperta, viva e muito perspicaz, até parece que tem lume no olho que é carregado de brilho e muito fulgor. Já está bem adiantado na escola e é um aluno de excelência pelo que não perde uma única oportunidade para gozar com os amigos Fósforo e Gasolina:

- Confesso-vos que não estou a perceber esta vossa discussão! É sabido que os dois vão para escola só e apenas por causa do papel de *camoca*, das peras secas, dos pratos de arroz, de canjas e daquele copinho de leite!

- E tu nem imaginas a trabalhadeira que isso dá! É um sofrimento enorme! Eu, Gasolina, já estou a ficar farto disto! Como se não bastasse as troças dos meus colegas ainda tenho de apanhar da palmatória todos os santos dias. É um sacrificio que acho desumano e de uma insensibilidade tamanha!

- Concordo plenamente contigo! Bem que nos podiam facilitar a vida. Ao invés de nos obrigar a ir para a escola apenas para aquecer os bancos, para apanhar da menina-de-cinco-olhos e para comer, acho que seria mais lógico se nos colocassem em casa e nos dessem a permissão de lá ir apenas nas horas de recreio e das refeições.

- Andam a brincar mas um dia ainda vão chorar água, catarro e baba. Vão se arrepender de agora estarem a brincar com os livros. Só que vai ser demasiado tarde. Pois fiquem a saber que eles são o único caminho ao conhecimento. Eu faço as minhas cabeças rijas mas não abro mão deles.

- Cada um é livre de escolher o seu caminho. O meu não passa pelos livros. Tenho o meu plano de vida e ainda vais ficar estupefacto quando ouvires as pessoas a me chamarem de Patrão Gasolina!

- Que plano é esse? Deixaste-me curioso!

- É um plano simples, Fósforo! Bastante usado por muitos! Lembras-te daquele rapaz, o filho do senhor Mário? Aquele que andava sempre no terraço admirando a meia dúzia de pombos que tinha na capoeira e só levantava dali quando lhe chamavam para ir jogar à bola no polivalente.

- Claro que me recordo. Nunca vi alguém mais obcecado por pombos do que ele. Nem mesmo as mulheres eram capazes de lhe roubar um minuto do seu tempo.

- Sabias que ele foi para Lisboa e que em menos de três meses enviou aquele *toyota hilux* novinho que estás a ver à frente da loja estacionado?

- Que ele tinha emigrado, isso sabia! Mas que já havia enviado um carro, isso não previa!

- Pois, pretendo fazer exatamente igual! Quando eu crescer eu quero ser Patrão! Em menos de três meses vou enviar um carro igualzinho para a minha mãe!

Os três desatam a correr e desaparecem da minha vista quando contornam a esquina da mercearia de Nha Maninha! Sigo na mesma

direção, só que sem correria, muito pelo contrário, caminho em passos lentos e pousados! Na garganta da mercearia está um grupo de homens que vai bebendo uns copos. Num canto dois homens sentados nuns mochos e ao pé do balcão, uns quatro ou cinco debruçados. As velhas prateleiras estão quase vazias! Nha Maninha vai arrastando os pés devagarinho e com fôlego fraco e cansado. A lojinha segue os mesmos passos, vai perdendo a vivacidade de outrora! A sensação que tenho é que ela fechará as portas no mesmo dia em que Nha Maninha adormecer num sono profundo e eterno. Vozes exaltadas e alteradas de dois homens arrastam-me para dentro. Deparo-me com um moço de baixa estatura, com um gorro preto à cabeça, vestindo uma camiseta preta e umas calças de ganga e nos pés umas sapatilhas brancas. À frente dele um homem alto, forte, com um chapéu na cabeça, com trajes desportivos, sapatilhas, calções e uma camisola. Não faço a mínima ideia de como a conversa terá começado, mas dá para perceber que tem a tudo a ver com religião:

- Sabes o que significa bênção?

- Claro que sei, bênção é tudo aquilo que vem de Deus!

- Então achas que uma pessoa que tem uma loja e vários carros, isso é bênção?

- É sim! Tudo aquilo que temos é bênção!

A cara do moço se transforma! O olhar dele transfigura-se e dá sinais claros de que está à procura de intimidar o outro. Aproxima-se, enche o peito de ar, estica o pescoço e encara-o de baixo para cima! Chega mesmo a colocar-lhe uma mão no ombro, mas que lhe é prontamente retirada!

- Bênção é sabedoria! Sem sabedoria não és capaz de ter nada nesta vida! E vejo nos teus olhos que és um ser bazofa por fora, mas que por dentro és vazio, completamente oco. Uma pessoa pode ter tudo, casas, carros e por dentro ser podre.

- Eu não te conheço de lado algum por isso não te dou o direito de dirigir à minha pessoa desta forma e nestes tons!

- Cala-te e escuta-me! Bênção é espírito, espírito Santo! Pois no mundo existem dois espíritos, o santo e o de satanás. No satânico reina a inveja, o ódio, a cobiça, o ciúme, o mal...

- Podes até me intimidar com os teus espíritos, mas como homem não me assustas, não me assombras e não me metes medo! Como homem eu parto-te ao meio!

O rapaz apanha o seu frasco de *tepol*, pega o balde de água e sai de fininho, com o rabo entre as pernas e quase a *mijar* nas cuecas. Salta



a estrada e vai lavar o carro que já deveria estar um brilho! O rumorejar de vozes faz-se sentir e fico a saber que faz parte de um grupo de jovens delinquentes que entraram para uma igreja qualquer, que andam a fumar asneiras lá pelas bandas da Rua da Lama e depois surgem como falsos moralistas, tentando convencer cada qual com esses discursos. Rua da Lama fica nas traseiras do mercado. É uma ruela estreita, onde a desgraça aparece pinchada nas paredes das casas. Todos aqueles que colocam os pés ali acabam na lama, nas poças de água fedorentas espalhadas no lugar, daí o nome. De forma esquiva, olho para a cara daqueles que obstinadamente destroem as suas vidas, o que me leva a pensar:

*Estão como as folhas de árvores no outono, severamente castigadas por ventos fortes e que teimosamente persistem, porém não resistem, sem forças desistem e ao chão onde caem abraçam! O rumorejar, o som monótono das folhas mortas arrastadas em redemoinhos para um canto da cidade onde padecem sem pranto, e este assobiar medonho do vento são as vozes deste desespero! Como folhas qualquer um pode cair mas o importante é resistir e como uma árvore persistir de pé para com as mudanças renovar as folhagens, voltar a florir e a fragrância de uma nova vida libertar! Tenho esperança na primavera!*

Fui levado pelos pensamentos e sem dar conta acabo de fazer uma volta completa pelo quarteirão. Quando começo a contornar a última esquina que dá acesso a minha morada, ouço a voz irritante da Júlia gritando pelo meu nome. Finjo não estar a escutar mas ela insiste e para não parecer mal-educado, apesar de ser o que mais me apetece neste momento, arrepio caminho e vou lá ter! Ela tem uma espécie de uma taberna improvisada com um pequeno balcão de ferro. À frente um banco comprido encostado à parede. O lugar tem um cheiro insuportável, e quando ela destapa um daqueles garrafões de grogue, ou então abra a porta que dá acesso ao quintal torna-se irrespirável. De dentro dos garrafões sai um odor podre e do quintal vem o fedor dos chiqueiros:

- Entra meu filho! Senta-te que te vou servir um *groginho!*
- Muito obrigado, mas não me apetece beber a estas horas!
- E um *pontchinho?*
- Também não, deixa para uma outra hora!
- Meu filho Santiago! O que mais deves ouvir por aí é que sou uma mulher que gosta de falar na vida dos outros. É Tudo falso! O problema é que eu não tenho medo de dizer a verdade!

- Não costumo dar ouvidos a estas coisas!

- O menino que foi morto ontem, a culpa deste desfecho é toda ela da mãe! Não soube educá-lo! Cada dia metia um homem estranho dentro de casa! Ela não sai das tabernas, está sempre com a garrafa nas mãos e sempre em festas. Que tipo de exemplo deu ao filho? Nunca se importou com o caminho seguido por ele. Não se preocupou em tentar mudar o rumo! Manteve-se indiferente! Agora só lhe resta ir enterrá-lo!

- Desculpa-me discordar, mas não é nada disso a que tenho assistido! Nativa é uma mulher trabalhadeira. Ela errou, sim, como humanos nós todos erramos. Deveria ter entregado o filho à polícia e não escondê-lo como sempre fez. Agora estaria indo visitá-lo à cadeia e não ao cemitério depositar flores. Mas não temos o direito de crucificá-la e não podemos esquecer que trabalhando em quintais de gente, ela conseguiu que a filha mais velha completasse a licenciatura. Pena que ela não tenha conseguido um dia de trabalho para ajudá-la. Tenho testemunhado a luta desta moça à procura de um dia de trabalho. As coisas não estão fáceis para ninguém. Pede emprestados jornais para ver os concursos lançados, passa a vida a escrever cartas e a atualizar o curriculum. Passa dia e noite a estudar, faz testes e na maioria das vezes chega à fase de entrevistas, mas nunca é selecionada.

- É só ela apresentar o seu melhor curriculum para ser logo aceite!

- Olha, já está a escurecer, a noite começa a verter sobre nós e eu tenho mesmo de ir!

Não estou com vontade de continuar a ouvir esta voz intragável. É preciso ter estômago para aguentar o deslindar daquilo que ela acha ser a verdade. Também é preciso um nariz dos diabos para suportar o mau cheiro deste lugar. E as verdades sobre a sua pessoa? Será que ela não tem coragem de falar sobre os seus podres? Ou acha ser uma puritana? Ela que vá enganar outro. É sabido que ela tem por hábito encher as caras dos homens de grogue até ficarem sem serventia, para depois deitá-los no seu quarto, onde aproveita para arrancar todos os centavos, deixando-os tesos e lisos. Ao deixar este lugar, olho para o céu e vejo que...

*A super-lua veio toda nua, totalmente despida, simplesmente atrevida, nada que uma bela e linda crioula não tenha feito a seu jeito!*

Sob este luar fantástico surpreendo um grupinho de traquinas pulando do pardieiro, entre eles o Gasolina que comanda o grupo quando o assunto é travessura. Este lugar é com certeza a morada de todas as

doenças, pois aqui é despejado tudo e mais alguma coisa. Todos os resíduos produzidos pela pobreza são aqui depositados. As pessoas vão passando e na maior tranquilidade, sem qualquer tipo de pudor e desrespeitando a quem estiver por perto atiram os sacos de lixo, despejam latas com mistura de urina e caca que incendiam toda a localidade, tornando o ar irrespirável. Quem também fez do lugar a sua residência são os mosquitos que de tão grandes mais parecem com gafanhotos. Nada que intimide os gaiatos que vêm aqui brincar e fazer as suas necessidades. Pela enésima vez alerto-os dos perigos, das doenças, do quão perigoso é o paludismo, mas como sempre não me dão ouvidos. Desatam a correr e num ápice enfiam por um beco adentro deixando-me aqui pregado, contentando-me apenas com os ecos das suas gargalhadas de gozo que vão se tornando cada vez mais fracas e insignificantes. Minutos depois as mesmas figurinhas assomam, e como seria de esperar em ligeiras correrias. Passam pela criançada que está brincando ao casamento inglês. O brilho dos olhos dos rapazes é bastante visível. Essa brincadeira para além de divertida é emocionante, pois é uma oportunidade de se casar com a rapariga por quem se alimenta um carinho especial. Fósforo, Gasolina e Fogo já não entram nestas brincadeiras. Assisto a um rapazinho tentando casar com a menina mais bonita do grupo, mas ela recusa o que deixa o pirralho bastante aborrecido, limitando-se a ir para a fila novamente! Outro tenta casar com a mesma rapariga, mas vê os seus intentos fracassados. Chega a vez do mais bonitinho e os olhos da miúda logo começam a dançar.

As duas primas, Graça e Joice já não têm idade para estas brincadeiras. Joice já é mulher feita e o corpo da Graça já está a ganhar contornos de mulher, pelo que os interesses das duas ganham novas roupagens.

Estou a aguardar apenas o beijo deste casamento inglês para me despedir, mas antes sou surpreendido por um vulto, uma sombra negra que se aproxima! Num movimento rápido e automático viro o pescoço para a minha esquerda e dou de caras no pai do Gasolina que traz um *machim* na mão direita. Tomo um susto do caraças! Meu corpo treme muito mais do que um pé de charuteira exposta ao vento. Imóvel, totalmente paralisado, pois tento mas não consigo sequer mexer os pés, quanto mais para dar um passo para trás ou então desatar a correr. Neste momento desejaria ter a agilidade dos mocinhos para enfiar num destes becos e desaparecer. Mas não tendo, limito-me a fixar os olhos tresloucados deste ser. Pressinto que chegou a minha hora! A voz grossa e carregada de agressividade manda o silêncio ausentar-se por um instante:

*O Gasolina tem pai! Pode até não parecer mas tem! Eu sou o pai dele! Desenganem-se aqueles que pensam que ele é um menino abandonado! O facto de estar por aí deambulando, não quer dizer que não tem família! Cada um que vá parir o seu filho! No meu quem manda sou eu! Não admito que nenhum homem, seja ele quem for, coloque um dedo nos meus! Estás a ver este machim? Está amolado de ambos os lados! Mas hoje vim apenas para deixar um aviso. Da próxima não haverá tempo para conversas.*

Abruptamente, da mesma forma como a iniciou, termina o monólogo, pois de diálogo não teve nada, primeiro por não me ter dado oportunidade e segundo, mesmo se me tivesse concedido o direito de falar, não sei se teria coragem de proferir uma única palavra sequer. Claro que sei que o Gasolina tem um pai, pois conheço e muito bem o drama vivido aquando do nascimento desta criança. Todos os pormenores desta triste história me foram narradas em primeira mão pela Lígia, mal coloquei os pés neste lugar. Ela foi a primeira pessoa com quem tive a oportunidade de conversar e fiquei logo com a percepção de estar perante um ser que adora uma longa e interminável cavaqueira. Sai de um assunto e entra noutro numa leveza incrível. Lembro da imagem daquela criança entrando a correr pela porta adentro. Tronco completamente nu exibindo a sua pele escura lisa e bastante brilhante. Pés imundos de terra vermelha que misturada com o suor que brota da canela dava a sensação de ter estado com os pés metido na lama. Fiquei ali admirando o seu cabelo crespo. Pedi à Lígia para lhe vender quatro pães de forma frenética e impaciente, deixou as moedas em cima do balcão e saiu como entrou, correndo. A mulher que não parava de falar nem por um segundo, logo começou a relatar a vida do garoto:

*O pai deste rapaz era e ainda é mulherengo, mas já foi muito mais, aliás como são todos os homens crioulos! Para mim nenhum tem préstimo, são todos uns atrasos na vida de uma mulher. Estão sempre à procura de sarna para coçarem. Não resistem a um rabo de saia. Nunca vi espécie mais obcecada por sexo do que esta raça de homem que Deus me perdoe nos deu. Não têm vergonha na pele da cara! Muito pelo contrário, têm uma lata dos diabos. Não se contentam com uma única mulher. O pai dele que na altura já tinha mulher e família constituída arrumou uma outra mulher que acabou por engravidar. Nasceu este menino, a mãe teve complicações pós parto e entrou em coma. Uma semana depois faleceu. Durante o enterro a madrasta de Gasolina, que muitos pensam ser a mãe biológica, manteve-*

*se sempre ao lado do marido a confortá-lo, inconsolável com a perda, e logo se prontificou a tomar o bebê para criar.*

O homem dá uma meia volta, vira-me as costas e segue o seu rumo. Em nenhum momento volta o rosto para trás. Em passos longos vai-se distanciando! Não me atrevo a tirar os olhos do vulto que está prestes a contornar a esquina e perder-se num beco, para meu grande alívio. Mal curva a esquina solto o fôlego preso no peito, liberto os olhos e solto as pernas. Do outro lado vejo o Gasolina todo sorridente, um sorriso que chega a brilhar mais do que este magnífico luar, o que denuncia de forma clara o tamanho do seu contentamento. O pai acaba de lhe conceder todos os poderes para fazer as piores das diabruras.

A menina Graça, que é irmã mais velha do Gasolina, já se sente mulher e por isso não se mistura com os mais novos nas suas brincadeiras. Está uns metros afastada, encostada numa parede junto com a prima, assistindo à criançada divertindo-se. Olha para mim com uma cara triste e envergonhada, como se me quisesse pedir desculpas pela atitude reprovável do pai! Os olhos dela encharcam-se e as lágrimas não demorem em descer pelo rosto abaixo. Enterra a cara no chão, vira-me as costas e sobe pela estrada de terra, contorna à direita, vira a esquina e desaparece. Fico aqui tentando perceber como é que ela pode ser filha daquele homem e ter como irmão um ser tão mal educado. E mais, como é que ela pode ser tão bela e perfeita e o irmão tão feio! Uma preta lindíssima! Alta e com um corpo simplesmente perfeito, diria eu, sem defeito. Costuma andar de rosto levantado, não olha para o chão e com nariz sempre ao alto, exceto há momentos, quando saiu daqui com a cara voltada para o chão. O andar é fascinante e encantador. Deveras uma mulher bonita e elegante. Mas após este verdadeiro susto só me resta recolher e comigo levo as imagens dos dois irmãos, uma de gozo de um adolescente que se sente mais homem do que eu e uma outra completamente diferente, uma moça envergonhada com a atitude reprovável do pai.

\*\*\*

Serenamente, sem qualquer pressa, arrisco a dizer que com toda a calma do mundo, a claridade vai puxando o manto que cobre toda a pobreza. Aos poucos toda a miséria vai sendo exposta aos olhos do mundo. É só amanhecer para a penúria aparecer. O cinzento volta ao seu trono neste castelo que de belo não tem nada. Abro a porta e dou de caras com uma cena chocante. Nha Tanha está completamente despida,

exatamente como veio ao mundo. Tem os braços cruzados na tentativa de esconder a pele murcha e os bicos dos seus seios e as mãos tapam os ombros. Está de cócoras e com as pernas muito bem apertadas. Está com muito frio. Tudo neste ser está a tremer e o tilintar dos seus dentes se faz sentir mesmo estado um pouco distante. Esta pobre criatura dormiu ao relento. Nem quero acreditar que ela passou a noite nesta posição ingrata! As pessoas que vão surgindo dos becos menosprezam a situação desta velha mulher. A esta hora todos os caminhos vão dar ao chafariz à procura de uma lata de água para assearem os corpos e prepararem um pingo de café. O cheiro de pão quente que vem do pequeno forno de pedra aguça o apetite e aumenta a afronta daqueles que não têm nada para matar o jejum. Cada um vai colocando ao lume o que tem, pelo que cheira à cachupa refogada, peixe frito, um cheirinho bom de cuscuz que acaba de subir e o odor de café fervido torna-se cada vez mais forte. A vida não para e tem de ser tocada, cada um a seu jeito. Hoje não me apetecia ficar aqui assistindo este filme que narra histórias dramáticas exibidas em cada muro, em cada esquina, em cada beco deste meu Gueto.

Mas sem escolha, olho para a imagem que se desenha à minha frente, melhor, pasmo sobremaneira sobre o corpo dela. Admiro e deleito-me com cada detalhe. Fico perplexo e encantado com cada pormenor. Esta menina é linda, simplesmente bela, espetacular e sublime. Diria eu que ela é perfeita, mas ninguém e nada são perfeitos. Todos temos os nossos defeitos. Esta linda mulher também tem os seus, nada que me faça desistir dela. As únicas coisas que às vezes me causam alguns desencantos são os ventos fedorentos que costuma soltar lá pelas bandas de Quebra Canela, do *Shopping* e da Ponte de Lém Ferreira. Os odores são podres e insuportáveis, mas o pior acontece quando decide alagar as ruas! Mas continua linda e maravilhosa. Esta minha cidade, a Praia é um lugar que apesar de tudo, lá tem os seus encantos. Mas hoje eu quero os braços de uma outra mulher, desejo o calor de um outro corpo, sentir o cheiro de novas fragrâncias e escutar novas vozes sussurrando aos meus ouvidos.

Como disse, não me apetecia nada falar da miséria, como se tal fosse possível nestas ilhas de contenda. Esta é a minha realidade, morada de quase tudo, menos do sossego, da paz e da tranquilidade. Muitas são as vozes que se fazem sentir, vozes que se multiplicam nos becos através de ecos. À porta do mercado uma grande barafunda! A desordem é de tal forma, o tumulto tão grande e a azáfama simplesmente delirante. Ouvem-se gritos de um lado, berros do outro e tudo se funde num grande rebuliço. Carros velhos e obsoletos apitam enquanto passam e para trás deixam cortinas de fumaças que por uns instantes escondem esta grande

confusão. Uma matilha de cães magros, famintos e doentes persegue uma cadelinha que deve estar a bradar pela castração, cansada de tanto parir. Sacodem pulgas por onde passam e o ganido encorpa-se, tornando-se cada vez mais ruidoso. Os mais covardes caminham de rabos metidos entre as pernas. Os mais machos não se cansam de brigar pela fêmea, brigas que não cessam nem com baldes de água, com mãos de terra, tornando-se sangrentas. Do polivalente chegam vozes grossas e o barulho repetitivo da bola que não para de ser pontapeada contra a parede, e ali também as brigas são uma constante. Juntam-se a todos esses sons, a algazarra das crianças, o único barulho que é carregado de alegria. O cheiro que predomina é das águas fedorentas que escorrem do mercado e alagam a Rua da Lama, mas também cheira a pastel frito e a torresma que ferve em frigideiras de óleo apoiadas em fogões de pedras, fogões que vão recebendo lenha e o fogo vai ficando cada vez mais altivo. Resolvo abstrair-me um pouco deste alvoroço, entro em casa e encosto-me à porta. Preparo-me para estirar em cima do colchão e na menina Preta pensar. Mas antes disso, sou violentamente surpreendido por um barulho assustador de uma pedra que por muito pouco não me mete a porta adentro. Os gritos das pessoas, o latir dos cães aumentam e invadem a minha alcova, a sensação com que fico é que toda a barafunda veio para dentro do meu quarto.

Abro a porta, saio à rua e deparo com uma grande contenda. Um caos, uma desordem sem precedentes, algo nunca antes visto. No campo de batalha em que transformaram a minha rua as pessoas aparentam-se com caras transfiguradas e olhares assassinos. Nas mãos trazem assegurados machados, paus e ferros. Pedras e garrafas preenchem o vazio que separa as pessoas e cruzam-se em sentido contrário. Mulheres que parecem ter apitos presos nas gargantas gritam desalmadamente e em gesto de desespero levam as mãos à cabeça. Sem querer dou por mim perguntando porque estão a brigar, mas não recebo qualquer tipo de resposta. No meio desta multidão, entre esta grande confusão enxergo a Nativa aos braços com homens que a todo custo tentam espancar o seu companheiro. Mulher alta, forte e *caderona*. Olhos grandes, beiços grossos e rolados. Dona de uma voz nada suave e completamente despida de elegância. Tudo nela é volumoso, exceto a cabeleireira que é curta e *bedju*. Os pés são grandes, grossos e largos. O chão por onde pisa, treme. Não é criatura de levar desaforos para dentro de casa, lava as roupas sujas lá onde surgir uma oportunidade. Não tem conta com a sua boca que não é gaveta para guardar nada. Em todas as desavenças que surgem neste lugar, há uma presença muito assídua, pois ela não chega chegando, mas sim brigando, discutindo, *badiumente* falando, *cobando*.

Intrromete-se em tudo o que é discussão e polémica, mas não briga pelo lado da razão, mas sim pelo grau de convivência. Não tem medo de nenhum filho de parida! Tira os sapatos, amarra a blusa em cima do umbigo, enrola a saia e segura-a no fio elástico das cuecas, coloca-se em posição e desafia-os para se apresentarem no largo. Enquanto espera, possuída pela raiva não para de gesticular. Os braços que são largados ao vento descem e vão contra as pernas nuas, gestos malcriados que acompanham o seu léxico de palavrões que vai cuspidando. Só que desta vez não teve tempo para tanto espetáculo, sem cerimónias entrou na confusão.

Gustavo, rapaz jovem mas cheio de maus vícios. Fez o décimo segundo ano, mas as libertinagens interromperam o seu percurso académico. É viciado em álcool, drogas de todo o tipo, em sexo, jogos de batota e em noites de paródia. Não tinha o perfil adequado, mas na falta de opção concorreu, fez os testes físicos e entrou para a formação, donde saiu mais tacanho do que entrou. Fisicamente ele é muito forte e assiduamente surge por estas ladeiras atrás, ou de um rabo de saia, nomeadamente da Joice, ou de outro vício qualquer. Ao deparar-se com tamanha desordem, sem perder tempo, imediatamente, diria eu de forma automática e quase que irrefletida leva a mão direita a cintura, saca a pistola *macarov* e dispara três tiros seguidos que fazem um barulho estrondoso. Numa correria desesperante e desgovernada as pessoas dispersam do lugar. Uma senhora, mãe de um dos rapazes envolvidos na briga, que tinha as duas mãos cravadas à cabeça, cai por terra logo após os tiros. Com medo de chumbo, num ápice a multidão desaparece. Gustavo que está ciente de não ter ferido ninguém, pois disparou ao ar, com toda a frieza aproxima-se da senhora. Zémária, companheiro de Nativa, aproveita enquanto Gustavo tenta reanimar a mulher para perder-se entre os becos. Homem alto, magro e com uma longa cabeleira em forma de rasta. É ex-presidiário, há dias que saiu detrás das grades da “*tchada bombena*” e está em liberdade condicional, contudo já está metido em distúrbios.

Benito que estava a assistir este filme de terror a partir de um buraco de uma tábua que tem pregada numa das janelas, neste momento está de pé à entrada da porta, com os pés cruzados, mãos entrelaçadas e com o ombro esquerdo encostado numa das abas. Com um olhar suspenso e incrédulo, bastante distante, olhos presos no infinito, procura encontrar uma resposta plausível para tanta discórdia e conflito, como se já não bastasse todas as lutas que têm de travar contra o maior inimigo que é sem dúvida a pobreza. Gasolina está triste, cabisbaixo. Não se conforma com o sucedido. Desconsolado continua olhando para a pedra



que destruiu por completo o para-brisa da viatura que ele tanto adora. Nativa sai à procura do marido que por pouco escapou à morte e ainda teve sorte de ter escapado das grades. Nha Tanha renasce da fumaça. A imagem desta criatura vai ganhando contornos de gente com o afastamento da poeirada! A voz dela, apesar de fraca e bastante rouca, torna-se um pouco perceptível. Está a dar ordens para todo mundo parar... arrê!... arrê!

\*\*\*

A noite veio adormecer esta miséria, acariciar ao de leve estes becos maltratados, amparar estas ladeiras nuas, sem glória e acalantar estas ignóbeis criaturas nos seus braços. A sombra negra veio embalar os sonhos de criaturas desgraçadas e silenciar o barulho oculto dos gritos cravados nas gargantas secas e enferrujadas destes espíritos empobrecidos. Trouxe nas plantas das suas mãos uma lua genuína, anjo da guarda nas noites de aflição, vagabundeando neste céu cheio de estrelas briosas e cristalinas. Estrelas que luzem este silêncio ameno, uma auréola que cintila na penumbra desta solidão silenciada pelos poemas das ondas do mar. Veio restituir o alento e a identidade, devolver a emancipação, a liberdade extorquida nas montanhas de pedra e vento, ladeiras abençoadas pela maldição. A noite amada chega com a sua solenidade, paralisando a geada deste colchão que despedaça almas sem alento, pobres almas que suplicam pela redenção. Pessoalmente já não suporto viver atirado na solidão destas paredes iníquas e estas longas noites rodopiando como um moinho de vento, nestas madrugadas de clareza e tortura. Não, não me apetece continuar mergulhado nas nódoas desta vidinha de desalento.

Com o adormecer da cidade, a solidão invade a minha alcova e lentamente a sombra negra conquista a minha cova. Advinha-se uma noite de desespero, uma madrugada solitária acompanhada pela angústia de uma longa insónia. No silêncio da noite, no lugar de sentinela, vigio esta pequena cidade por inteiro. Contemplo a grandeza do mar, o púlpito da lua cheia e o cintilar das estrelas ao mesmo tempo que vejo a imagem de ti, Preta, enterrada nos vales escuros, encoberta nas sombras das montanhas e desafiada pelos abismos dos despenhadeiros.

Enquanto a cidade dorme, a náusea envolve-me em enredos de cegueira, cobre-me com esta pesada poeira e atira-me na escuridão deste mundo abstrato. Sinto que tenho a solidão trancada no meu quarto, um

vazio desesperante deitado no meu leito e uma vasta dor cravada no meu peito... Enquanto a cidade continua a dormir.

Pela madrugada adentro sinto um toque suave das mãos de tristeza, um calor de lábios pintados de dor afrontando-me, um arrepio trilhando pelo meu corpo com aspereza e um bafo de martírio alucinando-me. Escuto o segregar de uma voz angustiante implorando-me por momentos utópicos que ascendem esta minha ânsia de vomitar. Uma náusea que amavelmente vem conquistando a minha mente e compondo esta estranha parábola de amar. A minha afronta torna-se imortal, o meu desespero persiste e transforma-me numa criatura submissa a uma névoa surreal. Estou vivendo alumiado pela esperança dos camponeses de terras secas, estas almas que a falta de chuva afronta. Esta pesada carestia insiste e encalha-me no precipício desta parábola que me atormenta.

Ainda bem que existe o amanhecer e este não tarda em chegar para meu grande alívio. Numa mão estendida traz a claridade, a luz do novo dia que vai descurecendo a negritude da noite que antes preenchia o vazio em cada beco. A clareza entra pelas ranhuras das portas, pelos buracos nas janelas, invadindo e conquistando os cubículos das famílias que aqui residem. Salto do colchão, passo água nos olhos, visto-me às pressas, saio à rua e sou violentamente agredido pelos raios do Sol que me ferem os olhos. Fico com a impressão de terem ficado ali de propósito à minha espera para me desejarem um ótimo dia.

Não tenho outro, Gueto é o meu torrão. O lugar está mergulhado numa quietude anormal. As ruas estão vazias, completamente despidas, facto que me causa uma certa confusão. Este sossego deixa-me apreensivo. O único barulho que escuto é o esfregar de roupas numa tábua de lavar. É a Nativa que está com uma grande trouxa de roupas sujas estirada no chão. Ela gosta de se meter em brigas e confusões, mas é uma mulher esforçada, não tem medo de trabalho. Bate porta em porta e pergunta se não tem roupas para lavar, uma forma de arranjar recursos para levar a panela ao lume. É quase certo que deve estar dobrada nesta celha de roupas desde cedo e é mais do que certo que a noite vai encontrá-la nesta mesma posição. Abstraio-me da Nativa e instintivamente começo a pensar na minha Preta...

*Tu és como uma ilha! Abraçada pelo mar, protegida pelo céu, aquecida pelo sol, iluminada pela lua, e enfeitada pelas estrelas! Na tua vida quero ser mar para te tocar com as minhas ondas, perfumar-te com a minha maresia e beijar-te o rosto de menina com a minha brisa! Quero ser o céu vestido de azul com uma áurea suave, leve, e na alvorada quero ser*

*a tua luz para iluminar tanta beleza, sol para te dar calor e no fim do dia deixar-te encantada e cheia de saudades! Quando o escuro chegar não te apoquentes, não te deixarei sozinha, pois quero ser lua, tua companhia, ou estrelas carregadas de magia e fantasia! Para lavar o teu corpo, tirar-te esta poeira castanha impregnada na tua alma, quero ser a chuva e, para testemunhar, um arco-íris com todas as cores do mundo!*

Aqui sozinho, penso em ti e tudo muda. À minha frente vejo uma tela de saudade, um retrato de felicidade. Não há imagem mais bonita, pôr-do-sol mais perfeito, céu mais brioso, estrela mais brilhante, nem luar mais fascinante do que o teu sorriso. Tu és a minha ilha, e em ti sou mar que vai e volta para no teu corpo encontrarmo-nos num abraço apertado. Mar canta com a voz das suas ondas e a sensação é que neste mundo não há nada mais tocante, mas quando escuto a tua voz, este teu timbre carregado de sensualidade, esta doce melodia, pura magia que penetra e a minha alma toca até que o meu corpo arre pia.

\*\*\*

Impressionante, parece um quadro que vai ganhando vida após cada pincelada, cada toque e retoque. No final, tenho em mãos uma tela, onde as casas, barracas de blocos, se sobrepõem umas às outras, como degraus de escada que desaparecem no infinito desta ladeira. A imagem não tem nada de belo, nada de espetacular, nada de sublime, mas aqui é que é o meu canto, a minha casa, o meu lar, o meu mundo. Não há nada de belo! Corrigindo! Não havia! Pois no voo exuberante, uma passarinha, com o seu comprido bico de cor vermelha, cabeça branca, asas pretas com pontas pintadas de azul fantástico que também é a cor da cauda, sobrevoa calmamente por cima do Gueto. Realmente não existe nada que te dê mais prazer do que acordar e ter a certeza que tens os pés fincados no teu torrão. É como se algo de novo estivesse a nascer dentro de nós. Um deleite enorme, um gozo sem igual, algo com um sabor especial. Posso não estar tão deslumbrante e fascinante como a passarinha, mas ao lembrar que posso ir dar um abraço longo e apertado à minha Preta, o meu sorriso brilha muito mais do que este céu que já se encontra completamente pintado de azul. A minha felicidade é de longe maior que o mar que abraça estas ilhas. O brilho dos meus olhos ofuscam por completo a luz do sol. Tudo em mim está em festa. Para abrilhantar o dia, nada mais belo do que a presença da minha vizinha Graça que segue para o cais, com a sua tina à mão em busca de sustento. Só não digo que ela é a preta mais linda que conheço, porque a minha não deixa.

Para celebrar o novo dia, nada melhor do que uma voltinha pela minha cidade. No Gueto tudo continua na mesma, nada mudou. As ruas continuam a aguardar por calçamento, as mães continuam a carregar latas de água enquanto sonham com água na rede, os homens curvados nas tabernas a afogarem o desespero de não terem um dia de trabalho e as crianças, a única esperança, apesar de todas as dificuldades sorriem e brincam alegremente.

Passo por dentro do mercado, atravesso a Rua da Lama que se encontra deserta, pois a estas horas os seus habituais frequentadores devem estar ressacados, entro num pequeno beco, desço uns degraus de escadas e saio na Avenida da Cidade de Lisboa, e a primeira coisa triste que me salta a vista são os velhotes em fila, sentados à porta dos Correios para receberem pensões miseráveis. Já estou habituado com cenas do tipo, nada que me surpreende, pelo que continuo a minha vida.

A Praça Nova Apostólica, mais conhecida por Praça d' Catchor está completamente vazia, mas o cheiro de urina que vem dos canteiros é forte, podre e irrespirável. No meio um pequeno quiosque vermelho, que se encontra fechado. Neste momento está tudo morto, mas de noite este lugar ferve, pois quando anoitece, não há lugar nesta cidade mais movimentado. Serve de paragem para as pessoas que aguardam pelos *hiaces* para regressarem a suas casas no interior. É aqui o ponto de encontro entre as mulheres e os seus clientes. O tráfico também tem poiso neste lugar.

À frente o 1º de Maio, que vai caindo aos poucos, está num estado tão precário, até parece seguir os passos da situação laboral do país. O Sucupira, o mercado de tudo e mais qualquer coisa, está a acordar, mas o movimento é ainda insignificante. Entro pelo Taiti, o chão está todo molhado, e logo imagino que aqui devia ser construído o balão de oxigénio da cidade, o espaço verde que tanto esta minha urbe necessita. Mas enquanto o meu sonho não se torna realidade, apenas uns pés de coqueiros solitários. No meio disto tudo, ruínas da antiga casa comercial Serban. O mais gritante é o posicionamento da estátua de Amílcar Cabral, pois a localização é uma demonstração clara da importância do seu legado para nós, ou o seu contrário. Com tantos lugares com mais destaque, logo aqui com o rosto voltado para o cemitério?! Os camaradas lá é que devem saber, porquê aqui e não à entrada do Palácio da Assembleia ou então do Palácio Presidencial. Mas não tenho nada a ver com isto. O melhor é fazer de conta como os outros e seguir o meu caminho de boca calada.

À frente da CV Telecom, lembro-me da triste história do desastre de assistência, passo ao lado do Arquivo Histórico, salto a estrada e

enterro os pés no areal da Gamboa, donde vejo o farol Maria Pia com aquele olhar pálido, com um especto abatido, com aquele vestido branco encardido. No areal, alguns botes arrastados. Num deles, está um menino sentado com o rosto fixo no horizonte. Aproximo-me dele e, em tom de brincadeira, pergunto-lhe se está a pensar em colocá-lo dentro de água e perder-se por este mar fora. Responde-me que não, que está a aguardar o amigo, dono do mesmo que lhe prometeu um passeio ao ilhéu de Santa Maria, por isso veio bem cedo para não perder a oportunidade de dar uma volta de bote. Desejo-lhe um bom passeio, e muito gentil convida-me para me juntar a eles nesta pequena aventura, respondo-lhe que vai ter de ficar para uma outra viagem.

Antes de deixar o areal da Gamboa onde tenho enterrado os meus pés, volto a olhar para o ilhéu de Santa Maria que continua com a mesma fisionomia de sempre, sem qualquer sinal de mudança, afundado numa monotonia alucinante, pelo menos por enquanto. Algo me diz que este vai ser o primeiro território a proclamar a total independência das ilhas. Veremos! Opto por deixar este lugar, atravesso a estrada, encho o peito de ar e começo a subir a rampa de São Januário. Olho para cima e dou de caras com Diego Gomes que me faz continência enquanto marcho para a Riba Praia, pois existe uma grande diferença entre Praia e Riba Praia. Por cima dele a nossa bandeira que está arvorada, agita-se suavemente, riscando o céu, ao mesmo tempo que exhibe a cor azul que simboliza o mar e o céu que envolvem as ilhas, a faixa branca, a paz, o vermelho, o esforço e a luta e as estrelas amarelas que representam as dez ilhas que compõem o arquipélago.

Passo pelo Ministério de Economia e das Finanças, onde as políticas que visam o crescimento económico, as relativas às finanças públicas, designadamente as receitas, as despesas, os orçamentos, os défices orçamentais e os apoios orçamentais são debatidos, discutidos e definidos, e as portas estão todas fechadas, tudo ainda está a adormecer.

A maior agência da praça financeira também está fechada, está tudo muito tranquilo e sereno, reina um sossego e uma paz que daqui a pouco vai para o espaço.

Na praça Alexandre Albuquerque nenhuma alma de Deus, apenas árvores solitárias perdendo as folhas que pelo chão redemoinham. A Capela de Nossa Senhora da Graça ainda não abriu as portas aos fiéis, continua ali, branca e imaculada, falando apenas das paredes. Logo ali ao lado, o Palácio de Justiça, onde se cometem também muitas injustiças, mas a estas horas, nem uma coisa nem outra.

A Avenida Amílcar Cabral parece completamente morta, totalmente deserta. Mas quando chego no Mercado Municipal tudo muda, este lugar

está bastante movimentado, cheio de carrinhas abarrotadas de mercadorias. As pessoas gritam, mulheres a carregarem sacos e homens com caixas em cima dos ombros. À frente, um grande edifício ao que parece que trata da supervisão da nossa praça financeira. Este está mergulhado numa ressaca nunca antes vista, a sensação é que está atrapalhado com a mais recente resolução. Está pasmando no motor da nossa economia, nas pessoas que deitam tarde e levantam pela madrugada, e quando vão fazer os seus depósitos, fruto do suor do seus sacrifícios, lá vem este fantasma com as suas diligências, solicitando provas de licitude de fundos, como se fosse cego e não pudesse ver o esforço de cada um. Não sofre de cegueira, mas fecha os olhos quando os cambistas invadem o passeio à sua entrada. Uns metros mais acima, outro edifício, onde as contribuições são enterradas, para depois serem aplicadas em capitais sociais de empresas com gestão danosa. Quem está a descontar a pensar na reforma está redondamente equivocado, das duas uma, ou se aposenta com uma pensão miserável, ou então nunca vai saber o que é reforma, pois com a insustentabilidade do sistema, o mais certo é que a idade seja aumentada. No final da avenida, um edifício, talvez o único que está à altura do seu nome, o Liceu Domingos Ramos, com uma arquitetura simplesmente esbelta e fascinante. Subo a meia dúzia de graus de escada que me levam à praceta e por alguns minutos olho admirado para este lugar que respira cultura e saber. Tomo a Rua Serpa Pinto, viro à esquerda e pela Rua Dr. Manuel Arriaga sigo o meu trajeto em direção ao Abílio Macedo, até sair frente ao Hospital Agostinho Neto que se encontra numa acalmia nada habitual, o que significa ter sido uma madrugada tranquila.

Aliviado em saber que enquanto eu dormia não se registou qualquer tipo de incidente, que ninguém foi baleado ou esfaqueado, algo pouco habitual, prossigo a minha caminhada. Pela estrada que passa pela parte traseira do hospital, despeço-me de Riba Praia e desago na Av. Combatentes da Liberdade da Pátria, corto o caminho pela Praia Negra até chegar na Av. Charles Darwin e sigo ao porto onde me perco no meio dos estivadores, estes varredores de porões de vapores, com estes bafos fortes de aguardente debaixo deste sol quente, pobres coitados que vivem chicoteados pela maldita pobreza, açoitados pela fraqueza, com os corpos cheios de feridas, marcas das suas árduas vidas.

À minha frente erguem-se as ladeiras que dão acesso à Achada Grande Frente, ladeiras de poeira, onde os mais coitados, clandestinamente, vão ficando as suas barracas para meterem as cabeças, resguardar as suas crias de sol, chuva e vento nestas quebradas de angústia e sofrimento.

No cais de pesca estão encostados alguns barquinhos de pesca, ao que parece, chegados esta madrugada e aparentando estar carregados. As redes estão amontoadas nas proas e, em cima destas, os homens do mar que aguardam ordens para avançar com a descarga, mas enquanto isto não acontece, fumam um cigarro que passa de mão em mão. As peixeiras fazem uma barafunda que me parece ser desmedida. Falam ao mesmo tempo, sem qualquer ordem e gritam sem ter cuidado com a postura. Aqui todas sabem que postura não enche panela e sabem mais do que ninguém que se não brigarem voltarão para casa com as tinas vazias, com os braços cruzados, rostos desanimados e os filhos passarão fome. Pode até parecer irónico mas mais não é do que a mais pura realidade, é através de poros como estes que a nossa economia respira e cresce. Quem pensa que é nos *workshops*, em seminários e palestras está redondamente equivocado. São estas pessoas que estão fora do sistema, que não têm acesso ao crédito que têm a capacidade de não deixar a economia morrer. Elas, estas mulheres guerreiras não param, inquietas, buliçosas e impacientes, movimentam-se em cima do cais com as tinas dependuradas numa mão e as facas seguradas na outra. A imagem que se forma à minha frente é fantástica, uma mistura de cores fascinante e encantadora, digna do exotismo do quotidiano. Só o cavaco de dois estivadores para me fazer distrair e abstrair deste magnífico cenário:

- Há dias que recebi cento e tal contos e já estou completamente liso!

- Então somos dois! Não tenho nem um tostão furado! Servi a um fulano de avalista, o desgraçado não pagou e a minha conta agora está cativa! Tudo o que é depositado, inclusive o salário, fica logo bloqueado! Tenho renda em atraso, faturas de luz por pagar, mulheres que não param de me afrontar, pois acham que estou a mentir, para elas gastei tudo em paródias com amigos e com algum rabo de saia. Mas o que mais me castiga é ver os meus filhos com caras tristes, cheias de fome.

- Não me venhas dizer que é um colega nosso que te meteu nesta enrascada!

- Claro que não! Nós somos bons pagadores! No meu atrevimento, sendo que o meu amigo Gustavo é uma autoridade, nunca pensando que não pagaria, decidi servir-lhe de fiador, só que agora estou atarantado! Enquanto isso, ele anda todo emperiquitado, cheiroso e armado em bazofô lá Riba Praia! Ele esconde-se por detrás daquela farda, simpático e sempre muito sorridente continua a enganar muita gente,

principalmente estas mulheres que adoram homens com o corpinho bem trabalhado.

- O que pensas fazer?

- Vou agora mesmo falar com o seu comandante, para ver se ele faz alguma coisa. Se não resultar, só me resta uma saída: pedir um crédito, liquidar a dívida, meter este tipo no tribunal e ficar à espera.

- Sei muito bem o que é isso!

- Não me digas que estás na mesma situação!

- Agora não! Mas já passei por uma idêntica, assumi a dívida para poder ter acesso a pelo menos parte do meu ordenado e até agora estou a aguardar.

- E no que te metestes para ficares sem dinheiro?

- O meu problema é outro! São estas peixeiras! Olhe bem para elas, estão todas bonitas e boas! Rebolam em cima deste cais com abuso, com tudo. O andar delas é provocante, o dançar destas polpas deixam-me completamente desorientado! Sabes que sou viciado em mulheres e que não resisto a qualquer tipo de provocação! Conhecendo esta minha fraqueza... acabo de receber, e lá vêm elas com aquelas propostas irresistíveis!

- Trabalhamos para as sustentar! Ao aproximar-se o fim do mês começam com provocações, pois sabem perfeitamente como nos mexer no bolso! Engodam-nos suavemente, com toda a paciência até mordermos a isca, ali engatam-nos, carregam-nos para os seus quartos, despem-nos e depois de dez minutos saímos de lá completamente realizados como homens, mas totalmente quebrados! Mas não adianta estarmos aqui a reclamar, lamuriando, pois vai ser sempre a mesma coisa!

- Pois é, e com nosso dinheiro aos poucos vão erguendo as suas casas, compram boas peças de roupa, comem do bom e do melhor e ainda bebem um bom vinho, enquanto nós ficamos aqui a morder as unhas!

- Alguma vez chegastes a pensar em viver sem o calor do corpo destas mulheres?

- Isso nunca! Não vale a pena perder o meu tempo a pensar, sem elas não me sinto homem!

- Sendo assim, só nos resta aceitar este nosso destino, que aliás nem é tão ruim! Temos um dia de trabalho, ganhamos o nosso dinheiro para gastarmos em bebidas, cigarros e mulheres! Levamos uma vida boémia! Queres mais?

- Só vida, saúde e mais tesão porque o meu começa a ficar fraco!

- Tudo o que precisamos, mas com dinheiro no bolso melhor ainda! Falando em dinheiro, mais um bocado vou dar uma saltada até ao meu



banco para ver se me disponibilizam uns dez contos que eu preciso! Não saio de lá sem esse dinheiro disponível na minha conta! Vou usar a estratégia de sempre, debruçar-me no balcão, deixar o beijo cair, ficar com aquele olhar abatido e de coitado até se cansarem com a minha presença!

Olho para as peixeiras e não é que estes dois homens estão cobertos de razão. Não há como resistir. Mulheres cheias de fibra, com corpos bem trabalhados, peitos bonitos e tesos a quererem saltar de dentro das blusas, polpas redondas que se desenham nas saias, mostrando o formato do fio dental que deixa qualquer um com os pensamentos em brasa. Lábios grossos e sensuais, olhos quase todos cor de mel, bem arregalados e vibrantes. São lindas pretas, pele queimada nesta labuta debaixo deste sol forte próprio de ponta de cais. Quase tudo o que se vê nelas é natural, não há maquilhagem, nem um simples batom cobrindo os lábios. Não usam sutiã com almofadas de esponja para aumentar o volume dos seios, não precisam nada disso. Não vestem calças coladas ao corpo para segurar as gorduras e esconder a celulite, mostram o que têm sem qualquer tipo de complexo. A única coisa que não é natural são as cabeleiras longas e lisas, mas que ninguém se atreve em dizer que os cabelos não são delas, pois se são comprados foram com o fruto do suor de cada uma, seja que tipo de suor for... Suor é suor e ponto final. Aqui não se usa perfume, pois a fragrância que domina e sobressai é a de peixe que está colada nos seus corpos. O cheiro a suor é forte, mas quem esperava outra coisa está no lugar errado.

Fixo o meu olhar na menina Graça que tem a sua tina fincada em cima da cabeça. É que mulher! Perfeita em tudo! Até parece estar aqui a fazer algum trabalho de moda em que representa uma peixeira. Que preta mais linda! Alta e com um corpo simplesmente perfeito, sem defeito. Anda com o rosto levantado, segura de si, não olha para o chão, nariz sempre ao alto. O andar dela é de tudo menos de peixeira, não anda pisando com o calcanhar. Com a tina à cabeça, com as mãos soltas, os braços vão ficando para trás com movimentos leves e suaves. Fico aqui imaginado esta beldade, bem vestida, bem penteada, maquilhada, olhos, pestanas e sobancelhas devidamente pintados, muito bem perfumada, enfeitada com brincos e colares, a tiracolo uma carteira e com salto alto, bem no centro de uma pista de uma discoteca rebolando esta arte, isso mesmo, arte, o corpo dela é arte. Certamente que causaria um mal-estar do caraças, muita inveja destas mulheres que se acham poderosas. Ela é deveras bonita e elegante, mas tem de me desculpar que a minha Preta é

muito mais. Quem vem aqui sempre que pode para vê-la é a Sabura que demonstra claro ter um afeto especial para ela.

Aqui está a arder, o Sol já se abriu todo e um calor infernal sai de debaixo do chão e queima a minha alma. Não consigo me mexer, o calor é anormal, o ar sufoca-me os pulmões e rouba-me a calma. O mau cheiro das águas sujas que desaguam no mar, o odor de merda assada pelo sol quente que vem das ladeiras nuas, o cheiro podre de marisco no ar e de tripa de peixe indecente, as hediondas poças de águas que preenchem os buracos da estrada, nas ladeiras a grande *lixarada*, este panorama embrulha as tripas de qualquer um e deixa-me quase a vomitar, mas no meu Gueto não é muito diferente.

Uma coisa é certa, sentado aqui neste lugar a minha condição que para a maioria já é de marginal, não vai mudar em nada. Deixa-me levantar desta pedra, amarrar esta covardia num seixo e atirar para o fundo deste mar. É certo que ainda não tenho condições para trazer a Preta para a cidade, mas ela deve estar a sofrer e muito com a minha ausência e ingratidão. Não precisa de muito para ser feliz, basta a minha presença e um abraço apertado. É isso mesmo que vou fazer.

Levanto-me, sacudo a poeira, passo uma mão no rosto para limpar o salitre que a brisa deste mar deixou pregado na minha testa e decido seguir caminho. Passo mesmo ao lado da Graça, a mais jovem peixeira e que neste preciso momento tem a tina colocada no chão à sua frente, enquanto conversa com uma cliente, outra linda e jovem mulher que está vestida com um short de ganga muito curto, exibindo as belas pernas e parte do seu magnífico bumbum, fruto de horas e horas enfiada dentro do ginásio. Uma pequena blusa colada ao corpo a tapar os seios, que parecem com duas conchinhas, e os mamilos que se apresentam aprumadíssimos. Tem a barriga à mostra, que aliás está muito, muito bem trabalhada, bastante lisa. Tem os lábios bem pintados, os cabelos cacheados, brilhantes e cheirosos e no corpo traz colada uma fragrância suave que transmite a sensação de estar vestida de sedução, o que certamente aumenta o seu poder de atração. Nos pés, havaianas. Graça e Sabura estão bastante entreditas, sorridentes e muito divertidas:

- Todas as vezes que venho cá, olho para ti e sou logo tomada pela raiva! Fico indignada! Custa-me aceitar a ideia de te ver aqui em cima deste cais com uma tina à cabeça e com este cheiro de peixe impregnado no teu corpo! Aqui não é lugar para uma mulher tão bonita como tu! Desculpa a minha franqueza, mas com toda a sinceridade e frontalidade, acho que a menina Graça está a desperdiçar a juventude! O mundo lá fora está carregado de boas oportunidades!

- Dizes tu que aqui não é meu lugar!? Sou filha de um pescador e de uma peixeira! Fui feita aqui, em cima das redes de um barco de pesca qualquer. Nasci aqui neste cais, o meu umbigo foi cortado com uma faca de peixe, cresci aqui e foi aqui que me tornei mulher e ainda achas que este não é meu lugar?! Por essas e outras tenho orgulho em ser peixeira! Em relação às oportunidades de que falas, a Sabura deve saber mais do que ninguém que para coitados não existem!

- Não concordo! Há para todos! Primeiro é preciso saber o que queremos das nossas vidas para que seja possível identificá-las! Depois é saber como explorá-las de acordo com as perspetivas, manter o foco e ser resiliente, nunca desistir e acomodar-se! Se estiveres interessada, estou totalmente disponível para te orientar e - quem sabe - ajudar-te a mudar de vida!

- Uma coisa não podes negar. Nós que brotamos e crescemos nos guetos somos discriminados e muitas das vezes marginalizados!

- Não digo que não! Mas o complexo de inferioridade, este discurso a bradar por compaixão, estas atitudes e comportamentos de autoexclusão não vos abonam em nada! Com a autoestima não se brinca! Aprende a valorizar-te, pois só assim poderás ganhar confiança nos teus atos e pensamentos! Não gosto de pessoas que se vitimizam, que mesmo antes de tentar já estão a reclamar! Levanta-te, sacode a poeira e vai em busca de novos horizontes! És muito jovem, tens uma vida inteira pela frente!

- Quem me dera ter esta tua forma de pensar e de agir! Mas não somos feitas do mesmo barro, infelizmente! Mas só uma curiosidade! Porque preocupas tanto comigo?

- És muito especial para mim! Tenho de te confessar que tenho um certo carinho e estima para ti! Quero ajudar-te! Se depender de mim, não vais ficar aqui queimando esta pele bonita e acabando com a tua beleza em cima deste cais. Não te vou deixar seguir os passos da tua mãe e de tudo farei para evitar que venhas a cair nos braços de um desses homens que estão ali a escamar peixe, se já não estás!

- Ainda não! Faz tempo que perdi o encanto e a admiração pelos homens! Carrego um desgosto grande dentro do meu peito! Para além de assistir todos os dias à forma rude como meu pai se relaciona com a minha mãe e ter de conviver todos os dias com irmãos que não têm nenhum tipo de respeito e consideração para com as mulheres, já fui alvo de variadíssimas tentativas de violação! A minha sorte é que nunca me deixei enganar e tenho sabido escapar! Tem sido uma luta quase diária e titânica! Para continuar a guardar a minha virgindade, não hesito em

recorrer a esta faca que trago no meu avental! A cada dia que passa, a aversão pelos homens cresce!

- É esta vida que queres para ti? É neste lugar que desejas continuar a viver? Onde todos os dias corres o risco de ser violada!

- Não adianta fugir da minha realidade! No meu Gueto a realidade é pior e muito mais grave! Os assédios surgem de todos os cantos e de quem menos se espera! Dou graças à minha tia madrinha Nativa! Ela tem sido um autêntico anjo da guarda! Aparece sempre nas horas em que mais preciso! Já assisti a muitos marmanjos serem derrotados nos braços por ela! Mulher valente, corajosa e bastante destemida!

- Graça! A tua situação é muito mais crítica do que imaginava! Infelizmente tenho um compromisso e sou obrigado a deixar-te, mas aqui tens os meus contactos! Qualquer coisa que precisares não hesites! Não te esqueças que estou disponível para te ajudar no que for preciso!

- Aprecio e muito esta proteção e preocupação que a Sabura tem para comigo! Fico muito agradecida! Vou ficar aqui refletindo sobre as coisas que me acabaste de dizer e prometo ligar!

Aproveito esta oportunidade e despeço-me deste lugar. A estrada por onde agora caminho e que liga a ponte de Lém Ferreira ao Porto está toda esburacada, as pedras estão soltas, um perigo autêntico. À minha esquerda, Praia Negra. O nome é mesmo a calhar, os esgotos que formam um pequeno rio e desaguam no mar são mesmo negros. O areal da praia desapareceu, ficaram apenas pedras negras. Alguns barcos de pesca vão sendo consertados e recebendo pequenos reparos nos cascos, enquanto outros são criados de novo. No mar, cascos velhos de um barco que em madrugada de muita ventania e mar revolto foi arrastado e encalhado ali. Quando o dono e as autoridades chegaram, os moradores de Achada Grande já o tinham completamente despido. Foi exatamente por este caminho de terra que está à minha direita que eles subiram e se perderam. Neste momento, dois homens começam a subir esta ladeira, nos ombros levam dois sacos que vão escorrendo água, certamente que é areia tirada do mar. Cada um ganha a vida como pode. Uns metros mais à frente, quase debaixo da ponte, um homem com uma pá, uma enxada, um carrinho de mão, procura o sustento para a família, juntando areia e brita arrastadas pelas águas das chuvas. À entrada de Paiol, um grande templo, Templo Maior, lugar onde há solução para tudo. A porta está bastante movimentada, cheia de pessoas que vão em busca de soluções para os seus problemas. As ruas estão cheias de gente, conhecida e anónima. A rua da Caixa Económica, a estas horas, é sem dúvida uma das com maior movimento. Pessoas que seguem para o Sucupira, carros,

principalmente *hiaces* que circulam à procura de passageiros, táxis que pintam o asfalto de amarelo. Uma cidade agitada é caracterizada pela velocidade e pelas manobras perigosas dos taxistas que impacientes, atrás de passageiros, fazem ultrapassagens arriscadas, mudam de direção sem piscas e sem qualquer tipo de cuidado, param em rotundas, não respeitam os sinais. Entrar dentro de um é um ato de coragem e muita adrenalina. Os taxistas têm fome de conversar, mal se entra lá para dentro, sem nunca ter visto tal rosto, lá começam a falar e sem dia de parar. Mudam de temas com o mesmo pulsar e nervosismo que mudam as mudanças do carro. Dão o pontapé de saída com o futebol, falam mal do Jesus, fazem comparações com o Vitória e metem o Espírito Santo na jogada. Mudam-se de flanco, falam de política e dos políticos, que numa análise superficial e nada fundamentada são todos ladrões e para arrematar, como não podia deixar de ser, as mulheres entram em campo e aqui a conversa torna-se mais animada. Sem qualquer tipo de sigilo, dizem nomes de mulheres casadas que têm por hábito solicitarem os seus serviços para irem encontrar-se com os amantes. Os homens não lhes escapam, os armados em intelectuais, em cultos, com postura, que tentam passar por pessoas idóneas, mas que estão cheios de vícios, também recorrem aos seus serviços para irem atrás de uma linha de branca, ou então atrás de um rabo de saia. Assim, lembrando de conversas dentro de um táxi, com alguma dificuldade, salto a Av. Cidade de Lisboa, entro pela Capelinha e subo rumo ao Gueto.

\*\*\*

Chego e não encontro o Benito na porta. Quando saí, como é habitual ele não estava ali. Algo de muito estranho está a passar-se, pelo que decido entrar para o cumprimentar. Chamo e ouço uma voz rouca, acompanhada de tosse e espirros, vindo de um quartinho dos fundos pedindo-me para entrar. O lugar é escuro, cheira a mofo, as paredes estão imundas, o chão de terra que faz muita fumaça, nos cantos dos tetos teias de aranhas dependuradas, os zunidos dos mosquitos assustam uma criatura. Encontro-o estirado de costas em cima de um colchão velho que descansa sobre umas paletes. Está a tremer de frio, a arder em febre, mas sempre brincalhão diz-me que está com “*sacundin djan bem,*” mas que vai ficar bom, pelo que não preciso de me preocupar. Se está deitado doente, se hoje não conseguiu sair da cama, está sem matar jejum. Pelos sintomas, é Dengue ou Paludismo e se ficar ali achando que é mais um simples gripe, ele não escapa. Apresso-me em busca de ajuda,

e logo à entrada, da escada que dá acesso ao terraço, escuto três vozes familiares: a do Gasolina, do Fósforo e do Fogo...

*O nome já está decidido! O grupo será chamado de Thug Fire, pois o nosso objetivo é incendiar esta cidade, com guerras com outros grupos e com assaltos! Primeiro vamos espalhar terror dentro do Gueto e com isso assustar e acobardar as pessoas que moram aqui! Assim passamos a ser temíveis e respeitados! As mulheres mais bonitas serão nossas! Com três boca bedju, algo fácil de se conseguir, tornar-nos-emos fortes e invencíveis!*

Não presto muita atenção a conversa e não lhe dou muita importância pois preciso ir chamar o irmão do Benito, o único ser que conseguirá convencê-lo ou então levá-lo à força a um médico. Ainda bem que ele não mora muito longe. Sempre a subir, por becos estreitos, de fôlego cansado, com os pulmões à porta da boca continuo a correr. Comigo, a imagem do homem suando frio, tremendo, gemendo, ali estirado em cima da enxerga. De volta, encontramos uma criatura ainda mais adoentada, mas relutante e teimosa. Não quer saber de hospital. Teimosamente, diz-nos que um bom chá é remédio santo! O semblante do irmão mostra o quanto está preocupado. Manda-me chamar um táxi e mais homens para o ajudar, sabe que não vai ser nada fácil tirar o Benito daqui. Corro ao mercado onde encontro um carro, desconfio ser um táxi clandestino, abordo o condutor que não hesita em fazer mais um frete. Ele é pesado que nem chumbo, é grande com boa estrutura física, e para complicar ainda mais, a barriga inchada. E para dificultar ainda mais somos obrigados a lutar contra a sua relutância. O irmão grita:

- Se for preciso piar-te, é isso que vamos fazer!
- Piar? Estás a brincar! Só podes! Piar o teu próprio irmão, como se de um porco se tratasse?
- Se não colaborares, não vejo outra saída! Não te vou deixar aqui neste estado, morrendo à minha frente sem fazer nada!
- Não te preocupes! É uma simples gripe, vou ficar bom!
- Pode até ser, mas quem vai confirmar isto é o médico!

Com muito esforço e com muita dificuldade conseguimos trazer o homem cá para fora. Está fraco, bastante debilitado, sem forças nos músculos, não consegue andar. Vem no meio do irmão e do condutor. Carregam-no nos braços. O braço direito fincado ao pescoço do irmão que lhe segura pela perna e suspende-o do chão, gestos repetidos do lado esquerdo pelo condutor. Colocam-no no banco de trás do carro que está

todo esburacado e cheirando a peixe. As pessoas amontoam-se para assistirem a esta cena, entre murmúrios. O condutor acelera o carro que deixa um fumo preto para trás, levantando uma grande fumaça de terra que entope todos à passagem. Agora só nos resta ficar à espera de notícias.

O Gueto inteiro fica entregue a uma grande tristeza. Todos nós, sem exceção, gostamos deste ser simpático e divertido. Muito brincalhão, sempre com uma piada e uma boa gargalhada. Vê-lo neste estado, deixamos angustiados. Mas como ele mesmo disse, não há-de ser nada. Que em breve esteja de regresso e com a mesma alegria contagiante. As pessoas vão-se dispersando, cada um vai buscar o que fazer, mas eu, não estou com vontade de fazer porra nenhuma, pelo que opto por me sentar numa pedra e esperar que as horas passem. Mas logo surge a Graça, com o telemóvel colado aos ouvidos. Está à procura de um lugar onde se pode conversar com alguma privacidade. Entra dentro da casa de Benito, pois sabe perfeitamente que ali não tem ninguém. A atitude dela é suspeita, razão pela qual sigo os seus passos para escutar a conversa:

- Sabura! Sou a Graça!

- Oi Graça! Que surpresa agradável!

- Não te tinha dito que eu ia ligar?

- Mas não imaginava que fosse tão rápido!

- Não paro de pensar na nossa conversa de hoje de manhã! Gostaria de continuá-la!

- Claro que sim, só que agora não posso! Estou aqui no Palmarejo, na minha clínica de estética, limpando a pele, fazendo massagem, dando um toque nas minhas unhas e no cabelo, pois mais tarde tenho um jantar de “Mulheres de sucesso” e depois vou para a festa “*I Love Cabo Verde!*” Estava aqui mesmo pensando em ti! Aqui sim, é lugar para ti! Não aquele cais quente e que cheira mal!

- Nunca vou poder colocar os meus pés num lugar como esse! Não tenho meios para isso!

- Valoriza-te! Não te subestimas! Tens a arma mais poderosa do mundo em tuas mãos! Precisas saber usá-la!

- A que arma te estás a referir?

- A beleza! As curvas! Se me deixares, eu cuido da tua imagem e podes ter a certeza que vais fazer muito sucesso! Não te preocupes com dinheiro! Sou dona da clínica, tenho uma *boutique* de moda, a mais cara, elegante e famosa do país! Se quiseres podes vir trabalhar comigo! Tenho vários apartamentos, posso arranjar-te um T0 aconchegante para poderes sair de vez daquele teu Gueto!

- Estás a oferecer-me tratamento de estética, pelo que entendi vais vestir-me com roupas caras, enfeitar-me com bijutarias, regar o meu corpo com fragrâncias de perfumes também caros, e ainda, um dia de trabalho e um apartamento para eu ir morar!

- Esta é a minha proposta para deixares aqueles lugares a que tanto apego tens, mas que não te elevam em nada, muito pelo contrário!

- A minha mãe costuma dizer que quando a esmola é muita o pobre desconfia! Que tudo na vida tem um preço!

- A tua mãe está coberta de razão! Estou a fazer tudo isto apenas por amor! Gosto muito de ti! Aprecio e muito a tua beleza! És uma garota especial para mim! Mas és livre em não aceitar! Tens toda a liberdade do mundo para fazer as tuas escolhas!

- Eu também gosto muito de ti! És uma mulher bonita e bastante atraente! Agora tenho de desligar! Vou pensar nas propostas e depois falamos.

Ela sai de fininho e vai embora, segura de que ninguém escutou a conversa, esquecendo-se que as paredes costumam ter ouvidos. Mas pode ir descansada, não tenho nenhum tipo de interesse e não vejo qualquer necessidade, pois não ganharei nada contando o que acabo de escutar. Pessoalmente não condeno nenhuma criatura que pretenda deixar este lugar. O que cada um consegue ou escolhe, não é problema meu. Quem sou eu para condenar ou reprovar? No caso dela em particular, pela conversa do irmão com mais dois comparsas, acho que deve sair o quanto antes.

Chega um carro, para mesmo a frente à porta e vejo o irmão de Benito saindo. Corro para lhe perguntar por notícias, e escuto a voz ainda um pouco fraca: estou ótimo! Os médicos disseram que é uma simples virose, nada de grave. – Por vossa causa, tua e do meu irmão, agora vou ter de engolir umas caixas de medicamentos. Pode até ser, mas sinto-me aliviado, apesar de não gostar nada desta moda de chamar doenças de virose, enquanto ninguém morrer, pois basta um caso, para o real nome da doença aparecer. Espero eu que se depender de Benito, virose continuará a ser o nome. Há um medicamento que deve ser adquirido na farmácia, pois na do hospital não havia. A estas horas só naquela que se encontra de serviço.

Disponibilizo-me prontamente. Desço às pressas, na expectativa de ser aquela na subida do Bairro. Chego e na porta está escrito: farmácia de serviço, Universal em Palmarejo. Para encurtar caminho, corto pelo meio da Várzea. Em cada beco uma taberna, em cada taberna pessoas debruçadas nos balcões. Os prédios da Av. Cidade de Lisboa escondem



toda a pobreza e miséria deste lugar. Num bar, deparo com uma cena estranha, um grupo de mulheres com caixas de cerveja à frente e na maior naturalidade sentam-se umas nas outras no regaço, beijam-se e acariciam-se. Pelos vistos, isto por aqui não é novidade. Sem tempo de parar, atravesso a Rua São Bento, passo pelo cemitério e tomo rumo a Terra Branca. Uns metros mais à frente, Tira Chapéu, mais um bairro com graves problemas sociais. Chego à rotunda de Braz, tomo a estrada de pedras de calçada à minha esquerda. Caminho admirando o tamanho e a arquitetura de cada prédio. Distraído, quase que esbarro na Sabura que está saindo da tal clínica. Ela está um espetáculo! Entra no seu Audi Q7 e deixa-me estagnado apenas com o cheiro do seu perfume. Ao chegar na Praça, se assim posso chamar a este lugar, e encontro meia dúzia de vacas, que descontraidamente passam a língua nas pedras da calçada. À espera para passar, está mais um *fdp* - um filho deste país - no seu BMW X6, com mão fora e beijo largado, com um sorriso largo e uma namorada ao lado, tudo às custas do suor do povo.

O Paulino ainda está meio morto, sem muito movimento, mas é só escurecer para aqui ganhar uma nova dinâmica. Lembro-me de um professor universitário a defender que a única cidade em Cabo Verde é a Praia, exatamente por causa do Paulino, pois para ele, para ser cidade, tem de ter um lugar onde se possa comer a qualquer hora do dia, e o único lugar neste país onde se pode fazer isso é aqui, pois encontra-se aberto vinte e quatro horas por dia. A esquadra de polícia logo ao lado não inibe as pessoas, bem aqui à frente, na barba cara de todos, aqui mesmo nesta praça que é lugar de encontro entre o sexo, a droga, o álcool e o dinheiro. Os carros com vidros fumados fazem uma volta à praça, mais uma, mais outra, até encostarem numa das bermas, tempo para deixar uma rapariga entrar lá para dentro. Jovens mulheres, umas bonitas, outras nem por isso, cada uma com a sua motivação, mas todas com o mesmo objetivo, engatar um homem em busca de sexo. Desde viciadas em droga até universitárias, todas se juntam no mesmo lugar, umas em busca de matar a ressaca, outras para pagarem propinas em atraso e poderem fazer os exames.

\*\*\*

Enquanto isso, as poderosas continuam os preparativos para o jantar. Todas querem estar poderosíssimas. Os salões de beleza estão cheios. Um corte novo, um penteado diferente, maquilhagem, cortes, toques e retoques nas sobrancelhas, manicura, pédicure, depilações à cera, para que nada as ofusque, que nada lhes tire o brilho. Os vestidos

já estão preparados, alguns foram importados, outros adquiridos em boutiques de moda por um balúrdio, um sacrifício em nome da demonstração do poder e de beleza. Hoje alguns maridos vão ter de ficar em casa cuidando dos filhos enquanto elas vão desfilarem pelas ruas da capital. É o caso do marido da Morabeza. Ele ama tanto esta mulher ao ponto de ter perdido a dignidade em nome deste amor. Os medos e os fantasmas de perdê-la transformaram-no neste ser submisso e subserviente. Tudo para poder gabar-se diante dos amigos que a mulher é bonita e com curvas perfeitas. Para segurar esta beleza de mulher ele aguenta todo o tipo de abuso. O jantar já está pago e preparado e no menu está incluído um *stripper*, um jovem universitário que vai fazer as delícias das cotas. Finalmente chega a minha vez compro o meu medicamento e desapareço deste lugar.

Mais tarde, no restaurante do “Hotel Escapadinha,” o mais bem situado e mais caro da cidade, elas reúnem-se à mesa. O cenário é fantástico, cada uma mais bela do que a outra. Decotes para todos os gostos e tamanhos. Todas muito bem vestidas, bem pintadas e muito bem ornamentadas. A mistura das fragrâncias dos perfumes é uma coisa louca. Taças de vinho, brindes, sorrisos e rasgados elogios. O vinho ajuda-as a soltar a língua e as gargalhadas tornam-se naturais. No piso de baixo, numa das *suites*, Sr. Prazer, PCA de uma das empresas mais prestigiadas do país, aguarda num quarto de luxo, muito bem decorado e bastante requintado. Luz ambiente, música a condizer com o momento e *viagra* no corpo, só falta a mulher toda nua estendida em cima daquele lençol branco alvo.

Um táxi chega, para à frente do hotel e uns segundos depois, a porta do lado direito do banco de trás abre-se e surge uma jovem mulher, vestida, maquilhada e perfumada à altura de uma poderosa. Fico surpreso ao ver que é a minha vizinha Joice. Ela apressa-se a entrar no hotel e passa pela receção sem dizer nada, pois está tudo muito bem combinado e coordenado. Para os que estão fora do esquema, ela é mais uma que veio se juntar as outras, e parece conhecer e muito bem os cantos da casa. Chama o elevador, espera impaciente uns segundos, entra e sobe ao quarto andar. No quarto 401, que tem vista para o mar, Sr. Prazer espera com um copo de conhaque na mão, enquanto fuma um charuto e deixa o fumo tocar o teto falso.

As “Cotas de sucesso” já terminaram de comer, já se deliciaram com as sobremesas e agora, enquanto esperam pelo momento mais excitante da noite, o último sobre a mesa, bebem mais umas taças de vinho. As luzes apagam-se e a música começa a tocar. Quando as luzes voltam a acender, no centro o *stripper*, um jovem mulato, alto, bonito e

com o corpo muito bem esculpido. As mulheres entram em delírio, uma verdadeira loucura. Os olhares carregados de volúpia percorrem cada detalhe do corpo deste jovem dançarino que já é presença assídua, principalmente nas despedidas de solteira. A forma que ele encontrou para arranjar dinheiro e pagar a sua licenciatura em Direito. Os olhos das poderosas estão vidrados. O brilho dos mesmos é simplesmente obsceno. Quem não está muito entusiasmada é a Sabura, pois preferia mil vezes ter uma mulher ali dançando, e se fosse a menina Graça melhor ainda. Apercebe-se que a nossa linda Morabeza está a deixar a mesa para ir ao WC, supostamente para retocar a maquiagem, decide ir atrás dela. Para à entrada da porta, de onde a observa a retocar os lábios e os olhos com um lápis preto. Sabe que ela já bebeu uns copos e que está leve e solta. Entra, aproxima-se e cerca-a num canto. Ela vai recuando até se encostar num grande espelho. Sabura com toda a sensualidade do mundo mete-lhe a mão atrás do pescoço e deixa os seus grossos lábios tocarem aos dela.

Do lado de fora, a mulherada está cada vez mais descontrolada. Dançam loucamente e rebolam com muita volúpia. As mais arrojadas e atrevidas passam as mãos no corpo do jovem e chegam mesmo a encostar no macho, no qual se esfregam com brio e audácia. Tudo o que acontece aqui morre aqui, nada pode sair para fora. O jovem sabe que este é o seu sustento, por isso tem de ser muito profissional para assegurá-lo.

Na *suite* presidencial, as coisas já estão bem avançadas. As janelas estão totalmente escancaradas e a brisa do mar abana as cortinas com muita leveza. O quarto está muito claro, iluminação natural que vem da bela lua cheia que vagabundeia ao seu bel-prazer pelo céu. O copo já está encostado numa banquinha e o charuto a descansar no cinzeiro. Sr. Prazer já está estirado de costas em cima da cama. Ele é o PCA de uma das mais prestigiadas empresas do país que por coincidência acaba de lançar um concurso público para a vaga de chefe do gabinete de imagem. A fama dele já é bastante conhecida. Joice é mais uma filha do Gueto, filha da Nativa e prima irmã da menina Graça. Desde muito cedo que mostra repugnância e antipatia para o lugar que a viu nascer. Nunca escondeu a sua vontade de deixar o inferno de pobreza, de lixo e de doenças. Cedo emborcou-se nos livros e hoje é licenciada em Marketing. O sonho dela é tornar-se chefe de gabinete que cuida da imagem de uma das empresas mais conceituada do país. A oportunidade está deitada de costas logo ali. Ela é bem formada mas tem perdido todos os concursos para pessoas com muito melhores aptidões. Hoje sabe que não pode falhar. No céu uma nuvem curiosa, imagem de uma linda mulher que deixa o vestido cair, exibindo sem preconceitos toda a sua sensualidade.

Em cima dos saltos, um corpo encantador, irresistível e indiscreto, só visto. Dá meia volta e fica de costas proporcionando um cenário magnífico. A imagem está em completa harmonia, tudo perfeito. Em movimentos suaves dá a sensação de estar a dançar, uma dança carregada de volúpia. Aproxima-se de uma outra nuvem e com subtileza roça nela. Dentro do quarto, Joice parece que sabe como e onde tocar para deixar o Sr. Prazer cada vez mais encantado.

Morabeza está a gostar e deixa-se entregar e levar-se pela ousadia de Sabura. Não estava à espera, foi pega de surpresa, mas já está mais à vontade e descontraída. Manda os preconceitos para a puta que os inventou e entrega-se literalmente. O fulgor dos olhos cor de mel mostra o quanto o momento está a ser bom. Deixa a carteira cair, o batom e o lápis preto com que se retocou espalham-se pelo chão. Nunca na vida foi beijada com tanta intensidade, quanto mais tocada e acariciada deste jeito, jeito que pelos vistos só a Sabura tem.

O *stripper* universitário acaba de receber um bilhete das mãos de uma das poderosas. Fecha-o dentro da mão, pois advinha ser mais uma oportunidade para ganhar dinheiro. Desdobra-o com cuidado e lê:

*Encontra-me no quarto 402! Terás uma noite inesquecível e serás muito bem pago!*

Mal a música para, dá por terminado o *show* para frustração de todas as beldades presentes. Elas pagaram por uma hora, se quiserem mais, vão ter de voltar a meter a mão na carteira. Até que tentam, mas ele não aceita, alega ter um outro compromisso e não pode faltar nem atrasar-se. Desce as escadas à pressa, ao passar pela porta 401 escuta murmúrios. A porta do 402 encontra-se encostada, empurra-a devagarinho e ao entrar depara com uma cena sensacional, uma mulher em cima da cama, encostada de costas nas almofadas que ela colocou junto à cabeceira. Tem o cabelo solto, na mão direita um cigarro e na outra um copo de *whisky*. Está sem o vestido de gala, apenas um fio dental vermelho que torna a cena ainda mais sensual e estimulante. A pele está muito bem corada, um bronze muito bem conseguido, contudo os mamilos que estão duros e tesos, obra de uns retoques de silicone, denunciam a originalidade da sua cor. Os seus olhos claros estão num júbilo e tanto. Mamadu, guineense que antes trabalhava na construção civil até descobrir este estilo de vida, tem os olhos a cintilar e no seu rosto um sorriso largo de satisfação. Ao lado da cama, uma pequena mesa com uma garrafa de Jack Daniel's, um maço de cigarro e duas riscas brancas:

- Aceitas uma bebida?
- Não uso álcool!
- Um cigarro?
- Também não!
- Então só te resta a tua linha e não me venhas com desculpas que também não usas!
- Lamento defraudá-la! Sou limpo!

Apanha mais um gole de *whisky*, traga o último fumo de cigarro, segura-o na boca para esfriá-lo antes de encher os pulmões e seguidamente libertá-lo e deixar a fumaça preencher o espaço que os separa. Vira-se de lado coloca um dedo no lado esquerdo do nariz e deixa o outro lado passar sobre as linhas, deixando o lugar limpo e sem qualquer sinal de pó. Nada que Mamadu nunca tivesse assistido. No mar, uma grande onda se forma, parece pôr-se de pé para se esfregar de forma obscena e propositada as curvas do seu belo corpo aos olhos do mundo. Aproxima-se com delicadeza e *finesse* e deixa-se deslizar pela praia, acariciando-a com toda a subtileza e magia de suas mãos. O céu está um espetáculo, um clarão enorme que só a lua é capaz de nos proporcionar. Diante desta imagem, respiro fundo, uma tentativa de me manter o controlo, falhada pois claro. Estende as mãos e num abraço intenso ela roça as mãos pelo seu corpo, enquanto ela beija-o suavemente com esses seus lábios molhados, fazendo-lhe estremecer. Completamente entrelaçados, com as mãos procura tocar cada polegada desse corpo que vai ficando cada vez mais molhado. Enquanto isso, num som suave e com musicalidade murmura baixinho ao pé do ouvido.

À minha frente, no horizonte, uma falsa sensação de infinito se abre e bem lá no fundo surge a imagem da nuvem que agora aparece deitada. A imagem é ilusória, mas simplesmente fantasmagórica. Vejo uma mulher com os joelhos postos em cima de uma cama e os seios a roçarem o peito de um macho que permanece ali estático, completamente imobilizado limitando-se deixá-la exprimir. Tenho os olhos arregalados, fixos no infinito, nesta magnífica imagem que faz movimentos rápidos e delirantes, deixando-me completamente perdido, movimentos que logo depois se suavizam, o que aumenta este meu deleite ao apreciar este momento. Fico ali olhando até os corpos perderem forma, para finalmente se separarem e cada um seguir o seu rumo.

No quarto 401, Joice está deitada ao lado do Sr. Prazer enquanto aguarda ansiosíssima pela reação, diria eu, avaliação:

*Gostei! Gostei imenso do teu curriculum! És muito bem qualificada e bastante profissional! O teu know-how e savoir faire deixaram-me encantado! Com esta entrega, dedicação e profissionalismo vais longe! Estou espantado e impressionado com o teu knowledge e as tuas skills! Com estas curvas vais alcançar o sucesso! Vou proporcionar-te um upgrade na tua vida! Prepara-te para assumir o cargo de chefia do gabinete de imagem da empresa! Contudo há uma condição sine qua non! Sempre que eu quiser, tens de estar disponível e solícita!*

Ela respira de alívio, ao mesmo tempo que deixa um sorriso de satisfação invadir o seu rosto.

Pelo estado do WC dá para notar que a temperatura aqui esteve ao rubro. O calor dos corpos subiu e as respirações ofegantes deixaram o espelho completamente embaciado e com marcas de suas mãos. No ar, respira-se prazer e a fragrância dos seus perfumes. Antes que fossem surpreendidas, numa atitude cautelosa e bastante sensata, lá decidiram deixar o local para irem à festa de “*I love Cabo Verde,*” pois está apenas no prelúdio de uma noite que se advinha ser inaudita e memorável. Apressaram os toques e retoques nos cabelos, nas roupas, na maquilhagem, e juntaram-se ao resto do pessoal.

No 401, o cota que já não tem forças nos músculos, que tem um *pacemaker* implantado no peito e que anda sempre a queixar-se de dores nas costas, limitou-se a deitar de costas. Mas no 402, as coisas sucedem-se de forma diferente. Aqui são mais arrojados, muito mais criativos e ousados. A imaginação leva-os a explorar todos os cantos e a inventar e reinventar em cima de cada coisa que compõe este quarto de hotel. O que não falta aqui é força e vontade, Mamadu é jovem, cheio de músculos, viril e a mulher está inspiradíssima. Os dois conseguem sempre encontrar o ritmo um do outro e em movimentos coordenados aceitam a submissão ao prazer. Cada poro, cada polegada dos seus corpos transpiram prazer. Debruçada à janela, com a cara voltada para a lua, deixa a brisa acariciar-lhe o rosto enquanto escuta as ondas do mar quebrando nas rochas. Atrás, o obstinado e incansável que olha com admiração a fantasmagórica imagem que está à sua frente. Estão em fogo. Até que os gemidos se calam e os dois caem em cima da cama completamente esgotados. Cristina pega no maço de cigarro, retira um com a boca e com o isqueiro acende-o. Tira um fumo, segura-o um pouco na boca para deixar esfriar e seguidamente inala-o para os pulmões para depois deixar a fumaça sair pelo nariz. Nada mais *sexy* e excitante. Apanha um gole do seu *whisky* que já está aguado. Mamadu mantém-se

estirado em cima dos lençóis brancos. O silêncio é quebrado pela voz dócil e meiga da poderosa:

- Vou tomar um banho, arrumar e ir embora! Gostaria de ficar, dormir contigo, acordar ao teu lado para repetirmos tudo de novo! Mas não posso! Tenho de chegar em casa antes de amanhecer! O quarto já está pago, pelo que podes dormir à vontade, até ao meio dia! O pequeno-almoço está incluído! Aqui está o teu pagamento!

- És muito generosa!

- Trabalho bem feito deve ser sempre bem remunerado! Eu sou contra a exploração! Aqui tens o meu cartão com todos os meus contactos! Quando precisares é só deixar uma mensagem no *viber*, *messenger* ou *whatsapp*! Uma coisa, não te atrevas a ligar, se for o caso, eu ligo!

- Tens alguma preferência de horas a que posso ou devo enviar mensagens?

- Pode ser a qualquer hora! O meu marido já está acostumado! São tantas as mensagens que entram no meu telemóvel que ele já nem liga!

- Tens marido!

- Tenho, mas ele não é para aqui chamado.

Com esta resposta, ele limita-se a olhar o cartão:

*Cristina Prazer*

*Escritório de Advocacia e Assessoria Jurídica*

*Rua Serpa Pinto – C.P. 007*

*Cidade da Praia*

*Ilha de Santiago*

*Cabo Verde*

*Tel.: 999 69 69.*

Fica pasmo, nem quer acreditar. Ela é a jurisperita mais respeitada, mais competente e mais requisitada do país. Desde que Mamadu entrou na licenciatura em Direito que não se tem ouvido falar em outra pessoa, pois em todas as cadeiras, sobre todas as matérias ela aparece, pois é considerada a mãe de toda a casta de lei. Ele jamais imaginara um dia sequer cruzar-se com ela, quanto mais o que acabou de acontecer. Olha para o céu e agradece a Deus pela sorte grande. As portas do seu sucesso profissional acabam de se escancarar. Dentro dele um contentamento sem fim. Mas analisando as coisas com mais calma e com menos entusiasmo percebe que este pau pode ser de dois bicos, pois

pela posição que o marido dela tem na nossa sociedade, se vier a desconfiar de alguma coisa, adeus carreira, adeus futuro brilhante, adeus tudo. Mas como disse e bem a Cristina, o marido não é aqui chamado. Cada um com a sua sorte e cada qual com o seu azar. Ele é que não vai perder esta oportunidade por nada.

Enquanto isso, ela entra na banheira de hidromassagem, abre a água, coloca a mão para ver se está na temperatura ideal, regula-a até ficar bem quente. Enfia-se dentro dela e apressa-se em tirar o odor de sexo e o cheiro de outro homem do seu corpo. Apanha o gel de banho, enche a mão e esfrega pelo corpo todo. Volta a abrir a água e tira a espuma. Enrola-se na toalha branca e à frente do espelho dá um trato no cabelo, retoca os lábios com batom, refaz a maquilhagem, pinta os olhos, passa um lápis preto nas sobrancelhas e coloca o mesmo perfume. Bastante ligeira regressa ao quarto encontra Mamadu estirado de costas e com os olhos encalhados na sua nudez. Veste-se à pressa, menos algo que ela tem fechado nas mãos. Deixa-o ao jovem como presente e lembrança deste momento irrepreensível. Deposita um beijo nos lábios dele, liberta um sorriso em sinal de agradecimento, sai, encosta a porta devagarinho e apanha o elevador. Deixa o hotel, entra no seu BMW preto, acende os faróis e segue para o Palmarejo. Entra pelas ruas esburacadas da Cidadela, ziguezagueando para se livrar dos buracos, seguindo na sua potentíssima máquina. Ao aproximar-se da sua mansão, o portão abre-se automaticamente, o guarda que por coincidência também é guineense acorda, levanta-se da cadeira, põe-se de pé e fica ali de sentinela até o portão voltar a fechar. Cristina para o carro e ainda com os faróis acessos olha para as flores do jardim e lá mais no fundo a imagem formidável da sua piscina. Tira os saltos, solta as alças do vestido pelos ombros e deixa-o deslizar pelo seu corpo até ao chão. Do lado de fora, o guarda segura as grades do portão e espreita-a. Fica absolutamente encantado, maravilhado com a beleza da nudez de sua patroa. Nunca tinha visto nada igual ou que se compara! Os olhos estrelam-se num fulgor magnificente que chega mesmo a ofuscar o da lua que nesta noite está mais para fictício do que real.

Mamadu deixa o conforto do colchão macio que lhe estava a causar preguiça, entra na banheira e começa um duche na maior tranquilidade. Não é todos os dias que tem estas mordomias, água quente, gel de banho disponíveis, há que aproveitar. Toma um dos banhos mais longos e demorados da sua vida. Sem pressas deixa a água cair na cabeça e escorrer pelo corpo todo, enquanto ainda incrédulo recorda os movimentos, os gemidos, a respiração, o cheiro e o calor do corpo daquela maravilhosa mulher.



No quarto ao lado, separados apenas por uma parede, Joice está dentro da banheira, debaixo do chuveiro. Com uma esponja de banho bastante macia e muito gel à mistura, esfrega o corpo na tentativa de eliminar o cheiro do velho, que aliás já está a dormir como uma pedra. Com este ressonar profundo, como se tivesse tomado algum soporífico, de certeza que não vai despertar tão cedo. Mamadu está de cara voltada para a parede e Joice de costas, se não fosse esta parede que os separa, estaríamos perante uma cena *sexual* (sexual e sensual).

\*\*\*

No largo de Quebra Canela, reunido à frente do balcão, um grupo de mulheres prepara-se para uma rodada de *shot*. Em cima do balcão, vários pequenos copos uns ao lado dos outros. Cada uma sugere um *shot* diferente, desde *Buzina Roxa*, *Blow Job*, *Cocaína Líquida*, *Putá de Cabeça Vermelha*, *B52*, *Kamikaze*, a *Shot de Tequila*. O empregado não se intimida com tantas sugestões, muito pelo contrário, manifesta muita à-vontade e vai apimentando sugestões. Mas para fortalecer o ritual, as mulheres têm de decidir pela mesma bebida e assim evitar que o *barman* perca demasiado tempo a prepará-las. Não há consenso, continua a haver divergências e dúvidas. Mas também não há tempo a perder, a festa já deve estar a pegar fogo. Sabura que teve a iniciativa de as convidar escolhe o *B52* e ponto final. Ela é que convidou, certamente será ela a pagar, as outras só têm de emprestar as suas gargantas. Com muita ligeireza e muito bem-disposto, o *barman* avança com a preparação das bebidas. Volta-se para a prateleira, pega algumas garrafas e com um largo sorriso estampado no rosto, começa a mistura dos ingredientes que compõem o *shot* e os copos vão ganhando tonalidade e vida, um castanho-escuro coberto com a cor creme e a borda uma opala de fogo. Preparadas, ele faz um círculo com todos os copos no meio do balcão, entrega uma palhinha a cada uma e convida-as a avançar. Cada uma pega a sua palhinha, respira fundo e grita bem alto, ao mesmo tempo e em uma só voz “às loucas.” Em movimentos simultâneos, metem as palhinhas nos copos e, em ato de pura inspiração, sorvem os *shots* e deixam os copos completamente vazios. O calor aumenta e pelo bafejo quente que é libertado devem estar a arder! Na hora de pagar, surge uma acesa discussão. Todas querem pagar, mas a Morabeza arranca o *POS* da mão do empregado, passa o cartão e arruma a questão. Deixam o lugar, entram nos seus carros e no ar uma aragem de charme, encanto e magnetismo.

Estão com uma sorte dos diabos. Mal saem deste lugar o bar é assaltado por um grupo de delinquentes. Com armas em punho, rostos completamente tapados disparam um tiro para o ar para amedrontar os presentes e espalhar o terror. Entram e despem os clientes de tudo o que tem algum valor. Enchem os pertences nos sacos, entrem, apanham bebidas e apoderam-se da caixa registradora. Saem pela porta traseira, entram num táxi e desaparecem sem deixar rasto.

Toda nua, como a lua, Cristina deixa o seu corpo banhar-se pela brisa fresca que vem do mar. A piscina dela fica mesmo em cima das rochas, onde as ondas do mar calmamente se desfazem. Olha para o prateado do mar que se estende até às bordas do infinito e fica ali contemplando este cenário único. A lua cheia derrama luz sobre a madrugada, o que a deixa ainda mais apaixonada por esta noite... e que noite. Sente-se feliz, uma mulher realizada. Recorda cada detalhe, cada pormenor e o corpo do jovem Mamadu desenha-se nos seus pensamentos. O calor começa a conquistar o seu corpo e para esfriar mergulha na piscina para frustração do guarda.

Joice apressa-se a vestir, contudo sem fazer barulho para não ter de importunar o homem no seu descanso mais do que merecido. Com o cabelo devidamente retocado, os lábios pintados, a maquilhagem refeita, com a pele a brilhar de creme e bem perfumada ela prepara-se para deixar o quarto. Com a carteira a tiracolo e com os saltos nas mãos para não fazer barulho, ela abre a porta com cuidado, sai e volta a encostá-la. Enquanto espera pelo elevador aproveita para meter os sapatos nos pés. Segundos depois Mamadu deixa o quarto 402, por pouco os dois não se cruzam à entrada dos quartos. Ele caminha uns metros pelo corredor, contorna à esquerda e encontra a Joice à espera do elevador. A sensação é que o destino estava a favor deste encontro. Nenhuma palavra enquanto aguardam, parecem estar constrangidos, talvez quisessem abandonar este local sem serem vistos. Finalmente o elevador chega. Os dois entram acompanhados pelo silêncio que persiste. Joice olha para ele e rumoreja para ela mesma – Que homem meu Deus! Para além de ser bonitão, é charmoso e cheiroso! Os olhares dos dois finalmente se cruzam e este momento é registado com sorrisos ainda que tímidos. Saem do hotel e ficam à espera de um táxi que não tarda em aparecer. Joice pergunta-lhe para onde vai e logo ficam a saber que afinal vão para o mesmo lugar.

Em fila indiana, um desfile de carros de luxo, novos e bonitos. À frente, como líder da caravana, segue a Sabura no seu *Jeep* de luxo e atrás dela todas as outras poderosas nas suas máquinas, a maior parte com vidros escuros e equipados com alto som. Pela Av. Jorge Barbosa chegam a uma das zonas mais nobre da capital, onde residem

maioritariamente políticos e diplomatas, nada que as intimide e nem as fazem baixar o volume dos seus rádios. Atravessam esta localidade numa grande gritaria, sem um mínimo de respeito e consideração pelas pessoas que estão a dormir. Aceleraram as máquinas e num esfregar de olhos atravessam a Rua Dr. Manuel Duarte e em alta velocidade e com muita adrenalina seguem pela marginal, na Av. Combatentes da Liberdade da Pátria, que lhes proporciona uma certa dose de liberdade. Ao contornarem-se a rotunda com o memorial da fome, sente-se o barulho dos pneus trovejando no asfalto. Autênticas *choferonas*, todas com bom cotovelo, nada de carta tirada no correio ou feita *download na internet*.

Fazem a rotunda na ponte de Lém Ferreira e começam a subir pela Estrada do Aeroporto. Logo no início da subida, as loucas, como se auto titularam no momento do brinde, são surpreendidas. As luzes refletoras dos coletes fazem-nas abrandar as velocidades das suas máquinas. Sabura recebe ordens para encostar o carro e as outras fazem o mesmo, invadem por completo a berma. Descem com toda a classe, em cima dos seus saltos, sem perderem a elegância caminham em direção à amiga. Gostam do que encontram, três jovens, altos, bonitos e musculosos. Os olhos que como uma opala de fogo brilham apalpam cada detalhe e polegadas destes corpos. Dois deles, armados até os dentes mantêm-se afastados e com caras sérias e amarradas. Nem mesmo diante de tanta beleza expressam qualquer tipo de sorriso. Mas elas mostram-se animadas e bastante satisfeitas por estarem aqui, pelo que não perdem a oportunidade de os informar que estão dispostas a soprar, mas não o bafómetro. Eles arregalam-se os olhos e deixam escapar um sorriso. No lugar do suposto bafómetro, Gustavo apresenta-lhes algo diferente, estranho e nada convencional, um telemóvel onde ele grava os números e nomes de cada uma e dá o seu número para elas. Assume-se o compromisso de um dia destes programarem uma paródia para se conhecerem melhor e... quem sabe... Com este suborno e esta proposta irrecusável, elas recebem ordem para prosseguirem.

Hoje todos os caminhos vão dar à festa de “*I Love Cabo Verde*.” Chegam, estacionam os carros no parque improvisado no meio da terra, nada que as incomode. A sensação é que elas carregam todo o encanto e *glamour* desta cidade para este lugar. Com os *free pass* já nos pulsos, passam pelos porteiros, jovens altos e fortes, cumprimentam-nos com sorrisos e olhares provocantes e no ar deixam fragrâncias agradáveis. Vão diretamente para o meio do pavilhão, onde dançam, desfilam, esfregam a beleza e sensualidade nos olhos das criaturas que sem se aperceberem deixam-se levar!

A elas junta-se o Sigui, jovem, um metro e oitenta de altura, corpo bem esculpido e atlético, fruto de horas e mais horas enfiado dentro do ginásio. Sedutor, bastante charmoso, rapaz *swag*, estilo metrossexual, resumindo, *playboy* na sua plenitude. Boémio, isso mesmo, gosta da boa vida, adora uma boa noitada e é fã incondicional de uma boa festa. Anda sempre bem apresentado, usa roupas e sapatos de marca e por onde passa deixa no ar uma fragrância agradável que deixa as mulheres encantadas. Pelo estilo de vida, enganam-se aqueles que pensam que ele não trabalha, que vive às custas de trabalho alheio ou que é um autêntico parasita. Nada disso, Sigui é trabalhador e bastante inteligente, apesar de trabalhar quase sempre embriagado e anestesiado pela ressaca das noites mal dormidas e das madrugadas às claras. Dá-lhe prazer, um gozo enorme estar em ambientes frequentadas por *gente bonita*, bem vestida e cheirosa. Com dois copos no corpo, mais um na mão, embalado pelo som da música e o brilho das luzes Sigui persegue a Sabura com um olhar sedutor, uma dança sensual e uma cantada poética e literária! Sabura, apesar de estar a ficar cota, continua bela e deslumbrante. Desesperadamente, procura não perder os traços da juventude. Realizada profissionalmente, goza de uma liberdade económica antes impensável e que lhe dá o privilégio de viver sem ter de arranjar compromisso com homem algum, mantendo intacta a sua liberdade. Ela gosta da noite, pois é nesse palco que prefere brilhar. Bem vestida, de salto alto, *cadera* empinada, nariz levantado, cheirosa, destila charme, *glamour* e sensualidade por onde passa. Com um copo enterrado na mão, um cigarro na outra ela não para de vibrar ao som das músicas tocadas pelos *Dj's*. Um rebolar carregado de erotismo e que chega a parecer obsceno e pornográfico, deixando os homens que a circundam pasmados na sua beleza, inclusive o jovem Sigui que demonstra ter um sentimento doentio por esta mulher! Sabura viaja por todas as ilhas, está em todas as noites, em todas as festas, não falha uma única paródia. Sigui para não a perder de vista, também está em todas. Esteve em *I love* Santo Antão, Mindelo, São Nicolau, Boavista, Sal, Santiago, Maio, Fogo, Brava e como não poderia deixar de ser, tal e qual a Sabura, está aqui no *I love Cabo Verde*. Sabura parece ser o seu destino! Conheceu-a no prelúdio da mocidade, no início da puberdade, foi nos tempos de liceu que teve a bênção, a divina oportunidade de sentir esta sensação pela primeira vez! A partir desta data, nunca mais deixou de perseguir esta criatura! Descobriu a Sabura na palma da mão e até então procura mantê-la bem firme entre os dedos, pois, se não for através de uns copos, é com um charro à procura de um *rail*!

Sigui quer muito ter Sabura esta noite, mas esquece que todos que estão aqui querem a mesma coisa! Ela goza de uma posição bastante privilegiada, pois sabe que todos os homens andam desesperadamente atrás dela! Ele não desiste, o desejo dele é ter esta mulher em cima da cama completamente nua! O estímulo que ele carrega, o brio, a vontade de encaixar o seu corpo no dela, de sentir o calor e experimentar a sensação de escutar os gemidos dela soprando aos seus ouvidos deixa-o a beira da loucura! Carrega no seu corpo uma ansiedade indecente, é certo que se um dia ela decidir escancarar-lhe as portas do prazer, certamente que a ansiedade não o vai favorecer em nada! O olhar esfomeado que ele derrama sobre ela, denuncia o quanto a deseja! Ela não é burra nem cega, sabe que ele está aqui por causa dela! Mulher vivida, sabida, cheia de astúcias, sabe como encantar mas também sabe esquivar-se e dar *pra* doido! Mas aceita entrar no jogo deste rapaz novo, cheio de força, armado em *bazofa*! Esquiva-se menos e aproxima-se cada vez mais e a sensação é que as coisas mudaram, agora é ela que não lhe dá tréguas, segue-o em todos os cantos, nos bares, na pista! Sigui sente que hoje ela não escapa, que o momento tão aguardado está prestes a chegar. Começa a preparar-se mental e fisicamente para não defraudar as expectativas da mulher! Não percebe que está a ser usado para enganar os mais distraídos, pois o que ela mais deseja é perder-se com a Morabeza numa destas esquinas de prazer, na morada de *Sabura*, mas quer ser a mais discreta possível, apesar de todos saberem que a *discritude* nesta nossa cidade é algo simplesmente utópico!

No bar a Joice grita, gesticula, acena com as mãos a um dos *barmen*. Está rodeada de amigas, todas do Gueto, que estão debruçadas no balcão improvisado à espera de uma bebida. Não param de dançar, com um *feeling* que de natural não tem nada, esfregam-se nos rapazes que estão atrás delas. Joice está feliz, hoje tudo é por sua conta. Comemora a contratação e o salto que vai dar na vida. As amigas não sabem qual o motivo de tamanha felicidade, mas nem querem saber, o que lhes interessa no momento é beber e mais nada. Mamadu aproxima-se, coloca uma mãozinha marota na cintura e segreda nos ouvidos de Joice. Ela sorri e deixa o seu corpo encostar-se ao dele. Encaixa-se entre as pernas do macho, empina o rabo, coloca as mãos no balcão e ao som da música esfrega-se de forma obscena. Nada pode ser mais estimulante. Se há dúvidas, é só perguntar ao Mamadu que se sente vaidoso, rijo e firme.

Cristina sai da água com a alma completamente limpa. Entra em casa, encosta a porta, acende a luz e sobe as escadas. Entra no quarto e olha para sua cama que está ali intocável, bem estendida. Liga o ar

condicionado e estira-se em cima dela, abrindo os braços e as pernas, sem ter de dividir o espaço com mais ninguém. O seu marido disse que tinha um jantar de negócios com uns empresários e que depois faria uma voltinha com eles para lhes mostrar o *glamour* e os encantos da noite da Praia. Até agora ainda não voltou, e o que tudo indica nem vai voltar tão cedo. Ele está dormindo o sono da vida em outro sítio, outro quarto e outra cama. Joice deixou-o estafado, sem forças e serventia para se levantar.

Sabura murmura nos ouvidos da Morabeza, está a convidá-la para deixarem a festa. A multidão está em delírio, a música e as luzes tornam os movimentos ainda mais perfeitos. Ao som do “senta no pula-pula,” do “da kel bu toki” e do mais recente sucesso “la ki nos é bom,” as pessoas entram em delírio total e o jovem Sigui grita:

*Hoje é cueca para as alturas, camisinha na mão e sexo descontrolado!*

Está tudo dito! Um poder de síntese impressionante. As duas aproveitam este momento de êxtase e sorratamente deixam este lugar. Sabura propõe à Morabeza para ela deixar o seu carro ali estacionado e seguirem as duas no seu Jeep. Uma forma de despistar os mais curiosos, coscuvilheiros e intriguistas. Supostamente onde o carro está o dono deve estar, assim todos acharão que ela está na festa. Ao entrarem dentro do carro, antes de arrancar, Sabura volta-se para Morabeza e diz-lhe que tem uma surpresa reservada para ela. Começa logo a pensar em milhões de coisas, a tentar imaginar o que poderá ser. Enquanto isso, os seus olhos são completamente vedados com um lenço preto, algo que ela aceita com naturalidade. Entregue-se à capacidade criativa e deixa-se levar literalmente. Os vidros do carro abrem-se automaticamente e uma aragem fresca bate-lhe agradavelmente no rosto. Abre o rádio, coloca uma música bem suave, *Thinking Out Loud de Ed Sheeran* e deixa o pé direito ir mais a fundo o que faz aumentar a rotação do motor e a adrenalina desta aventura. Sabura pergunta-lhe se está bem, se está confortável e a gostar. Pelo sorriso, vê-se logo que sim, mas pela expressão corporal, com certeza que desejaria ter os olhos bem destapados e assim saber onde estão e para onde vão. Ela respondeu com uma voz meiga, dócil, submissa e amorosa. Se me tirares esta veda os meus olhos podem perfeitamente dar-te uma resposta à altura. Deixaram a estrada alcatroada, percorreram uns metros num troço de calçada e entraram numa estrada irregular de terra até que Sabura para o carro e desliga o motor.

As amigas de Sabura e Morabeza aparentam-se estar bastante animadas e empolgadas. Embriagadas e completamente excitadas. Lasciva, a mais atrevida e assanhada propõe uma festa privada, em um lugar mais discreto e num ambiente onde podem ficar muito mais à vontade. Organizam-se e decidem convidar a Joice e as cinco amigas dela que arregalam logo os olhos ao escutarem esta proposta que lhes parece ousada. O convite é aceite na hora e sem muitos rodeios, todas sabem exatamente o que querem. Tudo o que querem agora é quebrar as regras, despirem-se dos preconceitos, acabar com os estereótipos, ultrapassar os tabus e mandarem o politicamente correto para bem longe. Hoje desejam excesso, muita euforia e outros patamares de prazer que só através do convencional é impossível lá chegar. Sigui e Mamadu são logo convidados a integrarem o grupo e estes não titubeiam nem por um segundo sequer.

Morabeza apercebe-se que estão num local à beira-mar, pois o cantar das ondas e a brisa do mar minimizam um pouco a cegueira. Sabura encosta-a no carro e beija-a o pescoço ao mesmo tempo que deixa as mãos percorrem-na pelo corpo suavemente, de forma branda e agradável. Morabeza abstrai-se e esquece a venda que lhe é retirada neste exato momento. Demora algum tempo em descobrir realmente onde estão. À frente o mar e ao olhar para o lado esquerdo muitas luzes. Ainda está com os olhos um pouco baços e não para de pestanejar. O lugar é familiar, o cheiro a maresia, o luar... e quão bela está a lua esta noite, grande e brilhante. A luz do magnífico e majestoso farol acende e tudo fica ainda mais claro. O lugar é bonito, mas não é seguro, ainda mais para duas mulheres. Entram no carro e ela volta a colocar-lhe o lenço nos olhos. Sabura arranca o carro, acelera e depois puxa o travão de mão e faz um “peão” sensacional. A fumaça levanta e desaparece no infinito do céu, tal e qual a máquina que em segundos desaparece deste lugar. Mais à frente, apesar de estar com os olhos vendados ela consegue reconhecer onde estão, agora pelo mau cheiro, pois é aqui que esta linda menina que é a nossa Praia costuma saltar alguns ventos irrespiráveis. Logo de seguida “aterram o avião” na estrada de calçada e ela confirma que estão em Palmarejo. Mais adiante, quando a bordo desta máquina começam a enfrentar alguma turbulência só podem estar na Cidadela.

A caravana deixa a festa entre risos e gargalhadas. A alegria é contagiante. Estão muito à vontade, a timidez e a vergonha não têm espaço no seio deste grupo que está inspiradíssimo e muito animado. Lasciva grita em voz alta que a festa vai ser na sua casa em São Francisco. Unanimemente, todos aceitam a escolha que pelos vistos não poderia ser melhor. Ao aperceberem-se que as mulheres estão em maior número, Lasciva pega no telemóvel, entra nos seus contactos, liga ao Gustavo.

Segundos depois volta toda sorridente e informa que a questão da paridade para a festa já está solucionada. Entram nos carros e seguem em direção ao aeroporto, contornam a rotunda e tomam o caminho rumo a uma das mais belas praias desta ilha. Hoje querem aventurar-se, experimentar novas sensações, sair do convencional, quebrar barreiras e ir muito mais além do habitual. Desejam uma odisseia, uma viagem ao mundo do prazer, cheia de aventuras e peripécias. Estão dispostas a experimentarem sensações variadas e pouco normais. Chegam e estacionam os carros de forma desorganizada. A casa está um pouco distante, um tanto quanto solitária e com as luzes todas elas apagadas. Está ali abandonada e sem vida, mas em breve vai ganhar um novo fôlego.

Ao aproximarem-se do portão este abre-se automaticamente, o mesmo sistema da casa de Cristina, que já está a dormir como uma pedra. O guarda acorda, levanta-se para assegurar que a patroa entre na casa em segurança. Sabura desce, contorna o carro e abre a porta à Morabeza. Ela desce e logo a seguir é retirada a venda. Fica pasma. Completamente estagnada. Parada no tempo. Está assombrada com o cenário que tem à frente. Por algum instante pensa estar à entrada de um hotel de luxo. Esta dúvida misturada com uma boa dose de curiosidade faz-lhe o coração acelerar e bater a mil por segundo. Caso para dizer que tem o coração à beira da boca. Se o jardim é magnífico, a piscina, então, é algo que mais parece cena de um filme. Ao entrarem, Sabura pergunta à sua amiga se quer ficar um pouco no bar que tem uma vista perfeita para a piscina, donde se tem a sensação que ela se estende até o mar, ou se quer já subir. Responde que prefere beber qualquer coisa e apreciar um pouco deste panorama único. Em duas taças, Sabura prepara dois Martini branco e ali permanecem um pouco enquanto delicias as bebidas. Morabeza vai até ao WC e ao voltar aproxima-se de Sabura e entrega-lhe algo. Ela abre as mãos e depara com um objeto lindo e sensual. Que surpresa mais agradável. Os olhos dela limitam-se a brilhar. Olho para a lua e esta parece querer beijar o mar, um beijo que ao acontecer será intenso, carregado de prazer, como só ela sabe dar. As duas estão radiantes. A porta do quarto abre-se e Morabeza mais uma vez não quer acreditar. Um quarto com detalhes de quem tem bom gosto. Uma cama redonda, ao lado uma caixa de vidro e, a tapar o teto, um espelho. Um pequeno bar. A iluminação faz lembrar os quartos dos programas da *Play Boy*, com luzes vermelhas em alguns pontos que dão um certo romantismo ao espaço.

Na outra casa, também à beira-mar, só que um pouco mais distante, o clima vai aquecendo. A decoração do lugar é simples, nada de exageros, não tem excesso de objetos. Apenas um sofá grande em formato



L, uma pequena mesa, uma estante com um LCD e duas colunas, um aparador e uns pufes espalhados pelos cantos. No fundo da sala que é bastante ampla, um bar com ambiente rústico mas bastante agradável. As prateleiras estão repletas de garrafas de bebidas caríssimas, um luxo. Desde *Johnnie Walker*, *Smirnoff*, *Bacardi*, *Jack Daniels*, *Hennessy*, *Baileys*, *Martini*, *Havana Club*, *Ciroc*... O que não é para qualquer um, nem para qualquer bolso. Isto é para poucos, para quem pode. Já estão todos devidamente servidos, até os que preferem água, como é o caso de Mamadu. Todos, sem exceção, dançam ao som de *Shape of you*. Cada um no seu jeito e de como sente a música a entranhar-lhe na alma. Lasciva sobe em cima da pequena mesa que está exatamente no meio da sala e começa uma dança mais arrojada, literalmente erótica, a roçar um *strep tease*, uma coisa louca, incrível e sensacional. Entusiásticos, gritam e aplaudem. Mamadu junta-se a ela e o clima começa a esquentar.

Já nem sei em qual das cenas me concentrar, mas do outro lado da cidade os acontecimentos devem estar ao rubro. Nem por isso, a cadência dos acontecimentos aqui é mais suave. Sabura dirige-se ao bar e agora abre uma garrafa de vinho tinto. Morabeza tem à frente uma comprida e larga porta de vidro, que lhe proporciona uma vista ainda mais fascinante. Abre a porta e sai à varanda que fica mesmo em cima do mar. À direita um divã, um mimo, um espetáculo. Magnetizada com tamanha ostentação olha para a lua que de tão grande, cheia e majestosa, parece estar a uns metros da palma da sua mão. Sabura aproxima-se com duas taças de vinho tinto nas mãos, encosta-se por trás e ela sente um arrepio percorrer-lhe o corpo. Fazem um brinde e por alguns instantes observam a lua. Até que Sabura tira os copos das mãos e coloca-os no chão. O guarda que dava tudo para saber o que está acontecendo nos aposentos da sua patroa, tem de se contentar com uma sombra negra que se desenha na superfície da água da piscina. O que ele consegue ver é a mais pura fantasia da sua mente, nada real, a mais pura imaginação. O vestido cai e ela fica completamente nua, como a lua, e olhando para as duas, é difícil dizer qual delas é a mais bela. Deita-se de costas e de forma ténue, suave e com muita delicadeza deixa-se mergulhar nas profundezas do prazer. Dois corpos quentes, peles ardentes, a mais pura loucura e no ar um odor de prazer. Deixam-se invadir por múltiplas sensações inexplicáveis. O guarda não sabe bem o que fazer, se fica ali pasmando na imagem ou se aventure em entrar. No meio deste turbilhão de pensamentos, sente um mar de prazer a crescer pelo corpo, descontrola-se e limita-se a fechar os olhos...

Enquanto isso, proponho uma espreitadela à festa. Joice junta-se a Lasciva e as duas formam uma dupla eroticamente fantástica. Dançam

e roçam os corpos que já estão completamente transpirados e carregados de gozo. Mamadu ao ver a cena, não consegue resistir à tentação e repara como algo nele cresce desalmadamente, apeteendo-lhe e muito que uma das mulheres o ataque com todas as armas. Sem nunca parar de dançar aproxima-se ainda mais das duas. Com um olhar apelativo, Joice chama por Mamadu. Este, aproxima-se dela e beija-a, primeiro devagar, depois fugazmente. Os olhos da Joice denunciam o crescente de prazer que toma conta do seu corpo. O calor é tão intenso que todos começam a desfazer das vestes. Joice deixa a sua boca acariciar o corpo de Mamadu, beijos leves, mordidelas sensuais, levando-o à loucura total. Os corpos libertam cada vez mais vibrações de prazer. Lasciva para por uns segundos para prestar atenção à beleza do corpo de Joice. Ela está mesmo à altura do seu nome, lasciva na plenitude, literalmente libidinosa. O corpo dela responde com várias sensações. Morde os lábios, um gesto claro de quem está a transbordar de prazer. Mamadu delicia-se com a boca que a beija com toda a vontade que tem dentro dela e com todo o gozo que lhe corre pelas veias. Olha para a obra de arte que tem à frente, mas não treme e nem se intimida diante de tamanha perfeição, confia no seu talento. Com as suas largas mãos, pega-a de jeito. Os olhos da Joice faíscam, já não aguenta mais e permite que seu corpo se habitua ao novo hóspede.

Ao pé do bar, as amigas de Joice se divertem com o Sigui que está na companhia de mais três jovens e que certamente não vão acreditar de quem se trata. Pois é, isto mesmo, nem mais nem mesmo. Gustavo e os outros dois que há bocado estavam na estrada, com aquela postura séria, com caras fechadas, austeras e severas. Aqueles que apresentaram um telemóvel para elas soprarem os contactos e tudo ficou resolvido, deixando as poderosas seguirem para a festa. Mas pelos vistos eles sabem sorrir, é só ver para as caras de contentamento. Já sem aqueles fardos pesados, exibem os peitos, abdominais e tudo quanto é casta de músculos às moças que perdem toda a timidez e ganham volúpia em cada ato. Passam as mãos nestes despídos corpos e de forma provocante e com muita atitude beijam-lhes cada milímetro. Vários corpos, mãos ainda muito mais, para não se falar das unhas que multiplicam por cinco e fazem maravilhas ao escorregarem pelas costas, sem se conseguir distinguir de quem se trata. Uma delas encosta Sigui no balcão do bar e beija-o suavemente, enquanto as mãos percorrem o peito forte e musculado. Ele não sabe o que sentir primeiro, é uma mistura de prazer que o deixa completamente descontrolado. Mais uma se junta à cena e os beijos, ora quentes, por vezes frios, fazem as sensações se duplicarem. Ao som da música, os três homens que abandonaram os seus postos de trabalho para estarem aqui, e decerto que não se arrependeram, com um

copo numa mão e a outra enterrada nos corpos destas três lindas mulheres, amicíssimas da Joice, embarcam nesta experiência sensacional. Entregam-se pura e simplesmente à criatividade, imaginação, fantasia e ousadia delas. O odor da sala é de luxúria, prazer, fluidos, tentação, sexo em toda sua extensão e grandeza...

Neste exato momento Morabeza chega em casa, ainda antes do amanhecer, apesar de não faltar muita coisa para o sol despontar. Encontra a sogra acordada e debruçada à janela à sua espera. A velha não dormiu, fez questão de ficar acordada para certificar-se a que horas a nora iria chegar em casa. Mal ela entra as discussões incendeiam-se. A celeuma entre as duas parece não ter fim. Morabeza já está cansada, o que mais quer neste momento é dormir e descansar. Para acalmar os ânimos da velha, sopra-lhe nos ouvidos que se não se calar, promete contar ao filho quem é o seu verdadeiro pai e desvendar todo o romance vivido com o Sr. Prazer. A voz dela desaparece, como se tivesse engolido a língua. Morabeza sobe ao quarto e encontra o marido roncado. Os filhos também estão a dormir. Tira as roupas e cai em cima da cama.

No dia seguinte elas apresentam-se todas de ressaca, aliás o novo dia é sempre uma espécie de ressaca da noite passada. Mas há pessoas que estão felizes, festejando os resultados dos assaltos de ontem. Bem que desconfiava que foram eles os protagonistas do assalto no largo de Quebra Canela. Os três bandidos, Gasolina, Fósforo e Fogo estão de sorrisos até as orelhas. Olham para os objetos com uma boa dose de admiração. Pelos vistos começaram e muito bem. Nunca na vida tinham visto tanto dinheiro.

Joice faz um esforço enorme para se levantar, pois está com a cabeça bastante pesada e com o corpo cheio de fraqueza. Dorme num quartinho, com apenas um colchão e uma cadeira, onde o vestido que lhe foi emprestado para a ocasião está encostado. Não tem nada em casa para matar o jejum e nenhuma gota de água para matar a sede. Apesar desta penúria, não se entristece, muito pelo contrário, ao recordar dos detalhes da última noite, chega mesmo a sorrir. Foi uma noite verdadeiramente de loucos, carregada de sensações e de novas experiências. Olha para toda a pobreza que a rodeia como se estivesse a tentar despedir-se de cada objeto. A partir de agora, tudo em sua vida vai mudar e em breve vai deixar este quarto fincado neste Gueto para trás. Para além do excelente salário, ela vai ter direito a automóvel, combustível, telemóvel de último grito - *Iphone* - um *plafond* mensal e um apartamento de luxo, devidamente mobiliado em Palmarejo. Vai deixar de ser esta coitadinha, para entrar na classe das poderosas e certamente que em breve fará parte das “Cotas de sucesso.”

Ao subir pela estrada de terra, encontro-a descendo com um pano amarrado ao corpo, uns óculos escuros a esconder-lhe os olhos e no ombro uma bolsa de praia de mar. Está a aproveitar este sol para tomar um banho e tentar melhorar o bronze, como se tal fosse possível. Tenho dúvidas que o sol possa fazer melhor, é que a tonalidade do seu corpo é perfeita. Passa e deixa um ar de grandeza e soberba no ar. Ela sempre teve este tipo de comportamento, desde criança que se sente superior às outras. Carrega uma autoestima que impressiona e tem uma personalidade bastante forte. Quando dou por mim, já estou à porta de casa do irmão do meu amigo e vizinho Benito. Vim saber como ele está e como tem reagido à doença. Ainda está deitado, mas aparenta-se melhor. Os olhos estão mais vivos e o sorriso natural já está a voltar para a sua morada. Pega-me nas mãos, e com os olhos carregados de lágrimas agradece-me. As mãos calosas, mas cheias de ternura tocam as minhas e fico com o corpo todo arrepiado. Ele é meu confidente e meu conselheiro, é muito mais do que um amigo. Informo-o que já decidi ir atrás da minha Preta e que tudo farei para a trazer comigo para a cidade. Ele encoraja-me e diz-me para nunca desistir, que persistência é uma virtude dos vitoriosos.

Desejo-lhe melhoras e despeço-me com um pequeno toque no ombro. Era tudo o que precisava ouvir. Saio com um sorriso largo estampado no rosto. Os meus olhos cintilam, um fulgor estonteante. Passo pela Nativa que já está *lambuda* numa celha de roupas sujas. Nha Tanha, como sempre, mais uma vez está a brigar. Enfarpelada num vestido de noite quase transparente, ela gesticula sem parar:

*Já estou cansada! Todos os dias estes infames roubam-me alguma coisa! Há dias levaram-me um bolo que eu tinha no forno! Ontem foi um bule de café! Hoje estes desgraçados apanharam as minhas cuecas que eu coloquei à corda para secarem! Infames! Estupores! Desgraçados! Deixaram-me lavá-las para as levar!*

Não consigo conter o riso. Esta das cuecas de Nha Tanha tem muita piada. Mais cómico é que ela nunca as usa, está sempre nua. A irmã mais nova de Joice está sentada à porta de casa e tem a cabeça com uma ligadura. Ontem, quando foi ter com o namorado em Eugénio Lima, os dois protagonizaram uma guerra feia. O namorado golpeou-a com uma pedra e ela levou onze pontos na testa. No meio da confusão, apanhou a pedra, meteu-a dentro da sua bolsa e foi ao Hospital. Neste momento ela está sentada, com a pedra a descansar a seu lado, enquanto aguarda pela chegada do namorado. Sabe que ele vai aparecer por aqui para ver

como ela está. Mais para baixo cruzo com o namorado e paro para assistir o desfecho. Mal ele se aproxima, ela levanta-se do chão, fecha a pedra nas mãos e com toda a força aplica-lhe um veemente golpe. – Toma seu desgraçado! Eu não fico com porrada de nenhum filho da puta! Tirastes-me sangue com esta pedra, e com a mesma eu faço o mesmo! Ele leva a mão direita à testa e quando olha para ela vê que está totalmente ensanguentada. Nativa voa da celha e fica à frente da filha para a proteger.

Ao ver esta cena, cresce a certeza de que não é num ambiente destes que quero morar com a minha Preta e ter filhos. Volto para trás, entro em casa e lá decido apanhar uma caneta para rabiscar uma carta a pedir um lote de terreno. Aliás, algo que já deveria ter feito há muito! Sem perder mais tempo escrevo uma carta não muito formal. Enfio a folha dentro de um envelope às pressas, passo a língua ligeiramente na cola para o fechar e seguro-a na mão direita. A todo o custo procuro ser positivo. O pedaço de chão não me sai da mente. O dia de hoje está quente e a minha casa, este pequeno forno continua a aquecer, o teto começa a transpirar, algo que me deixa quase a enlouquecer. Gueto continua mergulhado num sono profundo, como se estivesse a ressonar encostada ao peito da sua amante. Esta urbe continua a dormir, enquanto testemunho o desgosto cravado nos rostos das pessoas que aqui moram. A tortura desta tenebrosa frigideira sufoca-me e rouba-me o ar suficiente para continuar a respirar neste calor desta humilhante fogueira. Gasolina, Fósforo e Fogo, esses delinquentes, como os outros, estão recolhidos nos seus esconderijos, após mais uma noite em claro em que espalharam terror pelas ruas da cidade. As mulheres que trabalham de noite estão neste momento a descansar após mais uma vez terem arriscado as suas vidas em esquinas e becos perigosos. Os drogados estão todos estirados nas calçadas da Rua da Lama e os pedófilos escondidos nas suas moradas. Nas ruas os lixos se vagabundeiam, os cães vira-latas vagueiam descontraidamente pela lixeira.

Imploro um novo capítulo, um virar de página e um fim para esta letargia, pois já não suporto ver esta minha localidade assombrada pela pobreza. Mas o meu desejo não é poder, e a minha impotência teima em ser real, pelo que tenho de aguentar silenciosamente esta miserável e dramática situação. Com os meus olhos bem arregalados no teto de chapas de tambor fincadas nesta favela de amargura, onde o sustento de algumas famílias muitas das vezes é adquirido num simples contentor, observo a claridade que entra pelas fendas deste meu teto.